

PROCEL- LARIAS

JULIO RIBEIRO

**EDIÇÕES
CULTURA
BRASILEIRA**



DO MESMO AUTOR

Já publicado:

**Uma Polemica
Celebre**

(Discussão com o Padre Senna Freire a proposito do romance realista "A CARNE").

Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

BIBLIOTECA DE EDMUNDO AMARAL

ESTANTE.....

PRATELEIRA.....

NUMERO.....

VOLUME.....



PROCELLARIAS

DO MESMO AUTOR

Já publicado:

UMA POLEMICA CELEBRE

(Discussão com o Padre Senna Freitas a
proposito do romance realista "A Carne")

A publicar:

CARTAS SERTANEJAS

(Paginas de critica da propaganda
republicana)

JULIO RIBEIRO

Procellarias

EDIÇÕES CULTURA BRASILEIRA

Rua 7 de Abril, 21

— Telephone, 4-1860

SÃO PAULO

Prefacio de **EDIÇÕES CULTURA BRASILEIRA**

O exito alcançado pela publicação de “Uma polemica celebre”, de Julio Ribeiro, que mereceu acolhida francamente sympathica, anima EDIÇÕES CULTURA BRASILEIRA a lançar “Procellarias”.

Enfeixam-se aqui onze artigos politicos publicados em 1887 pelo intrepido jornalista e grammatico. O autor da “Carne”, que já estava um tanto esquecido, volta a prender a attenção dos leitores brasileiros, reapparecendo na sua feição literaria mais caracteristica, o pamphletario. O ardente republicano da propaganda entremostra-se nessas paginas de fogo em que zurziu impiedosamente o opportunismo, como um espirito de rara combatividade, brandindo a mesma clava de “Uma polemica celebre”.

Outros artigos foram accrescentados a este volume, tirados de “A Procellaria”. Em todos, porem, imprime-se a marca do incompa-

ravel lidador. O seu jornal não foi além do 11.º numero. São onze procellarias em revôos rapidos e corajosos, aventurando-se na tempestade que se approximava. Por isto, os compiladores acharam por bem dar ao livro o titulo generico de *Procellarias*".

O valor historico desta edição é incontestavel. Exhumar da poeira das collecções e arquivos a obra jornalistica de um homem que desempenhou papel tão saliente na propaganda republicana, é de algum modo contribuir para a historia das instituições politicas em nosso paiz. Fiel a este mesmo pensamento, EDIÇÕES CULTURA BRASILEIRA lançará proximamente "*Cartas Sertanejas*", do mesmo autor.

A PROCELLARIA

9 de Janeiro de 1887.

Ao gageiro de prôa a vigiar a derrota do navio nada indica a aproximação da borrasca: paz no céu, calma no mar, ares tranquillos, aguas socegadas, bonança em tudo.

De subito, imprevistos como o acaso, rapidos como o pensamento, vindos não se sabe donde, dez, cem, muitos passaros brancos, mosqueados de negro, começam de contornar o mague, rasam a superficie das ondas, pipilam sinistros . . .

São as procellarias, é a tormenta que chega.

Tomam-se os traquetes, amaina-se a vela grande . . .

A escuridão domina, esfusiam os ventos, refervem os escarcéos, estala o corisco, desencadeia-se o temporal . . .

Do navio que corre em arvore secca er-

gue-se ao céu a grita horrisona da maruja desesperada. . . .

Ao renascer a calma, ao voltar a claridade, longe, tão longe, quanto a vista alcança, já não ha *procellarias*.

Filhas da tormenta, tinham vindo com a tormenta, fôram-se com a tormenta. . . .



A *procellaria* é a mais ousada, é a mais valente das aves marinhas.

Afasta-se da terra por centenas e centenas de leguas: destemida, descuidada, interna-se, interna-se pelas solidões do oceano.

Como seu nome indica, compraz-se na procella.

A furia devastadora dos vagalhões, as lufadas tesas do vendaval não lhe detêm o vôo pujante.

Na lucta tremenda com as forças inconscientes da natureza, a *procellaria* parece não gastar esforço visivel: com as azas como que immoveis, ella resiste ao furacão, ella assoberba o cyclone.

Ao estourar do raio, responde com um pipilar de triumpho. . . .



Pequenina, desacompanhada, confiando em si só, e por isso mesmo forte, apresenta-se hoje esta folha, A PROCELLARIA, e toma surto por sobre os mares revôltos do viver social brasileiro.

Não tem alvo, não tem objectivo determinado: vem para lutar porque a lucta é uma fatalidade, porque a lucta é a vida.

Brutalmente franca, inconvenientemente sincera, A PROCELLARIA toma por sua a divisa de Rousseau, o hemistichio de Juvenal — *Vitam impendere vero*: em tudo e sempre, custe o que custar, perca quem perder, dirá sobre os homens e sobre as cousas o que entender ser a verdade.

O director d'*A Procellaria* não é marinheiro de primeira viagem, não é soldado bisonho: elle fez as suas armas, elle recebeu o seu baptismo de fogo, elle ganhou suas esporas de cavalleiro na imprensa desta provincia.

Sabe já com o que contar; conhece o perfume das flores que vai colher. . .

E tudo arrosta, a tudo se abalança. . .

A fallar com rigor, *A Procellaria* não se destina a collegio de meninas, a conventos de

freiras: quem se offende com um termo escabroso mas proprio, em uma questão de physiologia, quem se arrenega com uma descripção verdadeira, realista, de cousas que se dão todos os dias, não compre, não leia *A Procellaria*.

Ella entende com Mantegazza que “esconder as ulceras do coração humano em nome do pudor, póde parecer virtude, mas é hypocrisia ou medo.”

E todavia *A Procellaria* não é folha pornographica: longe disso.

Entre o real e o pornographico escancára-se um abysmo.

A pornographia accusa rebaixamento do senso moral, accusa estado pathologico.

O realismo indica nobre franqueza, indica resignação scientifica que acceita o mundo como elle é.

Bocage, Souto Maior, Bernardo Guimarães, Rosendo Muniz, malbaratando o estro em descripções eroticas e desbragadas satyras, metrificando a obscenidade por amor á obscenidade, cederam a um instincto depravado, foram *pornographos*: Juvenal, Suetonio, Rosembaun, Dufour, Dupouy, Mantegazza, Lombroso, Letourneau, Zola, Maupassant, Eça de Queiroz, historiographando tempos e

costumes, estudando e descrevendo o organismo humano em seu funcionamento physio-pathologico, foram, são REALISTAS.

Em todo o caso o aviso ahi fica. . .

Escusado é dizer que *A Procellaria* cortejará o merito onde quer que o encontre.

Em compensação passará muda, indifferente, pelas bexigas que a *coterie* assopra e que a ignorancia endeusa. . . salvo o direito de fural-as quando o julgue conveniente, quando muito bem lhe apraza.

A Procellaria confia muito em si, e muito confia tambem no bom senso justo do publico.

A PROCELLARIA

16 de Janeiro de 1887.

Já são passados 16 annos depois que os descontentes de 68 atiraram aos quatro ventos um manifesto republicano.

Já são passados perto de 14, depois que a chamada *Convenção de Itú* expediu a sua famosa circular.

E que tem feito o partido republicano no Brasil, e que tem feito elle especialmente em São Paulo?

No Rio de Janeiro, que é uma concretização do Brasil todo, não fez nada: daqui, de São Paulo, mandou uma vez á Camara dous deputados.

E mandou de modo desastroso, seguindo os velhos processos eleitoraes da monarchia, fazendo transacções inconfessaveis, sacrificando principios, asphyxiando a causa.

Fóra disto o mais tem sido conferen-

cias deslocadas, festas soffrivelmente ridiculas, thuriferações de compadres, bagatellas, nugas, e muito palavriado pela imprensa.

Nestas paragens os chefes republicanos, quando não cabalam em eleições, quando não especulam politicamente com os votos dos correligionarios *disciplinados*, compram escravos e plantam cafezaes.

E a provincia continúa entravando-se com o elemento servil, com cento e vinte um mil escravos a libertar; continúa a remetter ao minotauro da centralisação o seu tributo annual de vinte mil contos de reis...

Não cumpre ao povo, não nos cumpre a nós esperar cousa alguma da monarchia: ella tem interesse em conservar as cousas no pé em que estão, já que não póde peioral-as em seu proveito proprio.

Não nos cumpre tão pouco esperar cousa alguma dos actuaes republicanos.

Ha tempos esquecidos que elles nos aturdem com a palavra *evolução* e nós estamos a marcar passo no mesmo terreno, estamos a chapinhar no mesmo paul.

Confiar nelles seria o cumulo da needade.

Elles tremem ante as consequencias logicas dos principios que dizem seus, protestam com a idéa da abolição do altar, não compre-

hendem, não pódem comprehender a republica sem Deus e sem padre . . .

Metaphysicos, mal preparados para a resolução dos grandes problemas sociaes, eivados de preconceitos, contemporisadores, opportunistas por systema, sem fibra, sem nervo, gastos, nada pódem dar do que os tempos exigem.

Ha entre elles uma ou outra excepção, um ou outro espirito moderno, que conhece a politica experimental, que tem alcance de vistas . . . mas envolvido pela onda, arrastado pela correnteza, queda-se, paralysa-se, roda inutilisado.

O *caput mortuum* da evolução, os mediocres são os que dirigem.

A' margem!

Duas são as idéas que no momento nos devem occupar principalmente a attenção, em pról das quaes nos devemos bater, por cujo triumpho nos devemos sacrificar — a libertação geral, immediata, dos escravos; a desannexação da provincia.

O elemento servil é a causa principal de que não progridamos tanto quanto deveriamos progredir, é a hydra que nos estrangula economicamente, moralmente, de todos os modos: a outra causa é a copula, o laço que nos prende

ao imperio; é o tubo de transfusão, por onde foge o sangue que conseguimos fazer, por onde escôa a nossa robustez. . .

A abolição já e já, não é dictada por um sentimentalismo piegas, por um philonegrismo ridiculo: é uma imposição dos factos, é uma necessidade social, é um golpe imprescindivel que aproveita muito ao preto, mas que aproveita infinitamente mais ao branco.

Si é justo que o escravo se liberte do senhor, é necessario, absolutamente necessario, que as classes livres se libertem do escravo.

Soffre com a abolição immediata do elemento servil uma parcella diminuta da população; soffrem os grandes lavradores.

Que importa?

O prejuizo circumscripto e relativamente pequeno, de momento, é compensado pelo lucro de futuro, pelo bem geral de São Paulo.

O erro da nossa lavoura tem sido fazer causa commum com a lavoura que por muitos annos lhe serviu de modelo, com a lavoura da provincia do Rio.

As condições da zona que constitue essa provincia são muito outras em relação ás nossas.

O seu clima senegalesco, a ingratição relativa de sua terra vermelha, as suas muitas desvantagens physicas não consentem, não permit-

tem que o trabalhador europeu ahi se estabeleça, ahi se fixe.

Tirar o escravo á provincia do Rio seria matar-lhe a lavoura.

O fazendeiro fluminense comprehende isso, e treme: com razão mais egoistica do que patriotica, mais emfim com razão, aferra-se ao que ainda o póde sustentar por algum tempo.

Fallando com hombridade, sem que nos embaracem preconceitos tradicionaes, erros inveterados, a provincia de S. Paulo, da serra do mar para o interior, é constituida pelas bacias do Paranapanema, do Rio Pardo, do Tieté e do Mogy-Guassú: o que não é isso, não é S. Paulo.

O tracto da provincia, ribeirinho do Parahyba, só artificial, só administrativamente é paulista: geologicamente, botanicamente, physicamente, verdadeiramente, é fluminense.

A linha divisoria natural corre entre Mogy das Cruzes e Jacarehy exactamente por onde o valle do Tieté separa-se do valle do Parahyba, a 3 graus de longitude oeste do meridiano do Rio de Janeiro.

Essa zona, como parte integrante da zona fluminense, obedecendo ás mesmo leis physio-sociologicas que a esta regem, é, e necessariamente deveria ser, escravagista: só coagida pela força abandonará ella seus escravos.

A intransigencia ferrenha, mas leal, heroica, legendaria, do sr. Moreira de Barros, nesta questão, é característica, é typica: tem razão de ser, tira sua origem da propria natureza das cousas.

Os verdadeiros paulistas movem-se em outro ambito, respiram outro ar, estão em outras circumstancias.

A amenidade do seu clima, a fertilidade inexgotavel de suas terras roxas, as suas innumeraveis vantagens mesologicas fazem com que elles sejam outros homens: outros são pois os seus caracteres ethnicos, os seus costumes; outras devem ser as suas aspirações, as suas vistas; outras devem ser as leis por que se rejam.

Aqui o immigrante europeu dá-se bem, acclima-se, ganha, enriquece, toma amor ao solo, abraçaleira-se; aqui o trabalho livre tem um futuro grandioso, de prosperidade, de pujança.

Venha o trabalho livre.

Façamos um sacrificio grande, immenso; sangremo-nos, mas apressemos a substituição do trabalho prostituido e infecundo do escravo pelo trabalho nobre e compensador do homem livre.

Contemporisar ainda, continuar a submeter o futuro ao presente, é erro economico, é crime social.

Faça-se a abolição já e já, sem mais reflectir, violentamente, custe o que custar, seja como fôr.

Si os verdadeiros interesses da zona propriamente paulista tanto divergem dos de uma zona limitrophe, de uma zona que é administrativamente considerada identica com ella, que dizer da ligação entre esses interesses e os do extremo sul e os do extremo norte do heteroclitto gigante chamado Brasil?

Dislate dynastico, orgulho de despotas, que querem dominar em vastos territorios. . .

Que tem que vêr os Paulistas com o xarque do Rio Grande, com a manteiga de tartaruga do Pará?

Servirá a mesma bitola para o gaúcho semi-nomade dos pampas meridionaes, para o lavrador pacato do valle do Tieté, para o seringueiro indolente das margens do Tapajoz?

Não, por certo.

O unico resultado que obtemos com a nossa annexação ao imperio, é dar dinheiro e muito dinheiro para acudir ao *deficit* das provincias que não dão dinheiro nenhum.

O Ceará é pobre, devastam-n'o as seccas: é uma calamidade. Mas aguente-se elle com ella.

Mandar-lhe o melhor, o mais oxygenado de nosso sangue é depauperar-nos a nós, sem enriquecel-o a elle.

E quando fosse possivel tiral-o de vez do seu abatimento congenito, que obrigação tinhamos nós de o fazer?

Será de bom conselho reparar a casa de extranhos, quando a nossa está por acabar?

A lucta pela vida é incompativel com a caridade.

O Sahara não é fertil para que se diga, e ninguem para lá manda o sr. Revy a construir açudes para irrigal-o.

Terreno que por qualquer causa não produz fica deserto: a lei da selecção tambem vigora para o povoamento do planeta.

O laço politico, que aggrega em monstro horaciano as vinte provincias do Brazil, é a realisação plena das doutrinas de Proudhon em uma escala de que elle não cogitou: é o communismo regional, regularisado por vara de ferro.

Inconsistente, absurdo, mantido pela irreflexão, mais cedo ou mais tarde esse laço tem de romper-se.

A autonomia é uma fatalidade.

E quando não fosse, quando se não impuzesse ella com a brutalidade das leis naturaes,

quando houvesse meios de permanencia no capricho, no artificio; não seria preferivel que esse capricho, que esse artificio, nos levasse a governar-nos por nós mesmos? Não valeria mais que, ainda por capricho, gastassemos em proveito proprio o que é nosso, do que dal-o a extranhos?

Sinceramente, positivamente, a gloriola de fazer parte de um colosso heterogeneo é carissima por vinte mil contos annuaes.

E não nos custa só isso.

As prescripções, as dietas, os regimentos, a que nos sujeitam para obter esses vinte mil contos, atrophiam-nos, exhaurem-nos.

Si não tivessesmos de pagal-os, produziria-mos muito mais.

Separemo-nos, vivamos vida propria, que para isso temos elementos.

E' loucura esperar um momento psychologico impossivel, em que todas as provincias se levantem como uma só entidade, proclamando a republica.

Quem fôr entendendo que a liberdade lhe é necessaria que a vá reivindicando.

Cada um por si: *Self help* é o grande principio que fez o Americano do Norte, livre, rico, poderoso.

Ha de haver alguma provincia que dê o exemplo: sejamos nós.

Francamente, honestamente, a *evolução* não nos serve: só podemos ter esperanças na *Revolução*.

A PROCELLARIA

23 de Janeiro de 1887.

O creador da Matilha, o mais correcto dos actuaes poetas brasileiros, Theophilo Dias, traduziu para alexandrinos soberbos a prosa descorada do nosso primeiro editorial. Temos orgulho em offerecer aos nossos leitores esta peça admiravel. E damos-lhe o nosso lugar de honra: *á tout seigneur tout honneur.*

PROCELLARIAS

(A JULIO RIBEIRO)

*Rasgando á flôr de um mar sem rumor, largo
[e plano,
Um sulco de ouro e luz, — teso o concavo panno
Ao galerno fugaz, que as velas arredonda,
O navio veloz resvala de onda em onda.*

*E' transparente o céo; liso o mar; calmo o
 [espaço;
 E do vento e da vaga ao rythmo, ao compasso
 Que faz rolar sobre um — outro bordo — a
 [pupilla
 Do gageiro perscruta a vastidão tranquilla,
 Cravado no horisonte o olhar profundo e agudo.*

Tudo é limpido, azul; é paz, bonança tudo.

*Mas eis que de improviso umas aves extranhas,
 Que parecem o vôo arrancar das entranhas
 Do horisonte longinquo, inda ha pouco vazio,
 Em nuvens sobrevêm, demandando o navio.
 Mosqueadas de negro, audazes, agoureiras,
 Contornam o maçame e as vergas altaneiras,
 Sinistras pipilando entre as velas redondas,
 Rasando a superficie intérmina das ondas.*

*São ellas que lá vêm, as procellarias! — Logo,
 Phosphorecendo, o mar vibra sulphur e fogo;
 Torna-se escuro o ar, negro o céo; e a tormenta,
 De subito cahindo, horrisona rebenta,
 Pesa no espaço a treva; esfuziam os ventos;
 Cortam a escuridão relampagos sangrentos.
 A voz do temporal desfeito sobrepuja
 A grita de terror, que levanta a maruja,
 Ao tenebroso céo, transida de agonia.*

*Mas, renascendo a calma e repontando o dia,
Na deserta amplidão das vagas solitárias,
Té onde alcança o olhar, já não ha procellarias.*

*Assim vêm, assim vão as bravas avesinhas,
Affrontando o furor das tormentas marinhas;
Desdenhosas da paz, fugindo á calmaria,
Libradas nos tufões. — A lucta as inebria.
Os genios são assim: como as filhas do oceano,
Pairam sobre os bulções do pensamento humano,
Arrostando do mal a infrene tempestade,
— Precursores do bem, e nuncios de verdade:
O torpor lhes repugna; o combate os convida;
Só a lucta os attrai — porque a lucta é a vida.*

THEOPHILO DIAS.

A PROCELLARIA

30 de Janeiro de 1887.

O partido republicano paulista não comprehende ou finge não comprehender a attitude que de annos a esta parte temos assumido na imprensa desta provincia.

Desce a explicar a nossa linha de proceder pelo desejo que nos empresta de agradar aos partidos monarchicos.

A qual delles procuramos nós agradar, e com que fim é que não diz.

Nós não alimentamos pretensões: nada pedimos ao governo, nada esperamos da opposição.

Uma cousa cumpre confessar.

Temos tantas e tão selectas amizades nos arraiaes monarchistas, prezamos tanto a alguns caracteres nelles militantes, que sentimos profundamente o ter de armar, longe delles e con-

tra elles, a nossa barraquinha isolada de franco atirador da republica.

Si a consciencia nos permittisse consagrar a penna á defesa das instituições vigentes, fal-o-íamos com o maximo prazer.

E fal-o-íamos á luz meridiana, claramente, honestamente, e não cobrindo a frente com o gorro hypocrita dos escravos libertados.

Filho de republicano, neto de republicano, tendo o nome de familia inscripto no livro de ouro dos fundadores da grande republica norte-americana, republicano desde que começamos a pensar em politica — nós fazemos ao partido republicano paulista toda a debil opposição que podemos.

Porque?

Desassombradamente, sem rodeios, porque consideramos esse partido nocivo á causa que elle diz *sua*, porque entendemos que elle faz retrogradar a idéa republicana, em vez de impellil-a para a frente.

A historia é implacavel: sejamos a historia.

Foi em 1868, a 16 de Julho.

Caminhava para o desenlace a campanha desastrosissima em que o Brasil derramou o

melhor do seu sangue, em que gastou quatrocentos e cincoenta e nove mil contos de reis.

O imperador, por uma questão de prerogativa da corôa, pôz á margem os homens, que desde 3 de Agosto de 66, o ajudavam na sustentação do seu capricho guerreiro: despedido o ultimo ministerio Zacarias, foi chamado ao poder o partido conservador, foi entregue o governo ao visconde de Itaboray.

Na noite desse mesmo dia *os liberaes progressistas e os liberaes historicos*, até então divididos, inimigos, congraçaram-se, uniram-se, para fazer opposição ao novo gabinete.

Apresentou-se este á Camara a 17, rompeu a opposição, foi *leader* della José Bonifacio.

No dia 18 lavrou-se o decreto da dissolução da Camara.

O partido apeado reagiu, tudo ferveu; fundaram-se *clubs radicaes*, alargou-se o programma liberal, começou a faina das escolas nocturnas, rompeu o grito famoso — *refórma ou revolução*.

O sr. Saldanha Marinho, vulto conspicuo entre os descontentes, viu annulladas as eleições que o tinham feito senador, viu esvair-se em fumo o seu anhelado diploma...

Foi demais.

O fermento actuou, azedou-se a massa to-

da, e, em 3 de Dezembro de 1870, publicou-se um manifesto de revolta, creou-se o partido republicano.

Não ha negar: producto do orgulho ferido, do odio de momento ao imperador, o novo partido nasceu repentinamente, fóra de tempo, sem filiação historica plausivel, privado de condições de vida.

Não foi a razão que gulou seus chefes no precipitado commettimento, foi a paixão; não foi o patriotismo que os levou a tomar o barrete phrygio, foi o despeito.

O principal delles, o sr. Saldanha Maranhão, bom esteio até então da monarchia, tinha-se prestado não havia muito a auxiliar a realisação dos planos imperiaes em detrimento dos seus concidadãos; tinha-se prestado a ser em Minas o que foi Tavares Bastos nesta provincia — um agente de recrutamento, um fornecedor de carne brasileira ao canhão paraguayo.

— “Pois os mineiros não sabem, dizia elle, qual a minha missão aqui em Ouro Preto? Vim só e só a mandar gente para a guerra.”

Desmintam-nos.

Mas, para isso é preciso rasgar as paginas da historia, é preciso delir muito trecho doloroso, escripto com lagrimas, escripto com sangue.

Christiano Ottoni, Lafayette, Salvador de Mendonça, tantos outros signatarios do manifesto, arreponderam-se do passo imprudentemente dado, cantaram a palinodia, voltaram como filhos prodigos ao cevo pingue da casa paterna...

Prova de que a sua convicção republicana não era funda, de que partia de um deslumbramento momentaneo.

E os que se conservaram fieis ao novo credo?

Refalsados? hypocritas? traficantes? especuladores?

Não, mil vezes não.

Prezamo-nos muito a nós proprio, para que commettamos a injustiça de consideral-os assim!

Honestos, sinceros a seu modo, elles têm boas intenções, estão convencidos de que vão caminho do bem.

São republicanos, mas são o que é possivel que sejam, são maus republicanos: metaphysicos, utopicos, opportunistas, timoratos, elles nunca se abalançarão a uma dessas *imprudencias* geniaes que esphacelam o passado e abrem o futuro.

Não têm intuição da força immensa da verdade, não têm intuição do que vale a fran-

queza incondicional, não têm intuição do que póde a lealdade absoluta.

As cousas como realmente são, nuas, brutas, sem rebuço, sem véo, sem guardar conveniências, chocam-n'os, escandalizam-n'os...

Não são capazes de grandes, de verdadeiros sacrificios: nunca deitariam fogo a seus canaviaes por amor de uma idéia, como deitaram Vieira e Vidal...

Productos necessarios de factores implacaveis, theologos, ordeiros por indole e por habito, vivendo em um meio atrophiado, corrupto, conhecem mal ou antes desconhecem a sociologia moderna, e julgam possivel vasar a republica do futuro nos mesmos moldes em que se fundiu o imperio do presente.

Encarar de face, sem temor, a questão complicadissima da organização social, partindo dos alicerces biologicos e indo terminar nas ultimas consequencias moraes; acceitar o que os factos dão, embora em contrariedade absoluta com aquillo a que a rotina de milhares de seculos tem sujeitado a humanidade; procurar fazer do homem *homem*, e não archanjo decahido, enxergando como o objectivo mais ou menos disfarçado de todos os actos humanos, mas mesmo de todos, o exercicio das funcções de nutrição e das funcções de relação; trabalhar

em tudo e por tudo de accordo com estes dados, encaminhar a politica na direcção por elles indicada, sem transigir nunca, sem fazer a minima concessão — isso é o que não querem, porque mesmo não o podem querer.

De entre elles destaca-se, salienta-se um ou outro espirito moderno, de energia e acção, um ou outro petroleiro; mas esse, obsediado pelas censuras; torturado pelas recriminações, esmagado pelo numero, fraqueia, cede, vai com a onda.

E esta que faz?

Faz o que está nas suas forças, dá o que tem, nada mais nada menos.

Romanticamente deistas, e por conseguinte illogicamente democratas, os republicanos actuaes sonham com um governo sem throno, mas com altar; lavradores em grande parte, sophismam a questão do elemento servil, dizem que ella é social e não politica, e transferem a abolição para as calendas gregas; ambiciosos e sofregos não se sujeitam ao ostracismo da propaganda, querem ser governo já, e correm ás urnas extemporaneamente, desmoralisadoramente.

Nas luctas eleitoraes seguem os velhos processos dos partidos da monarchia.

Não dão ao votante liberdade plena, não

lhes fazem comprehender o alcance do direito de voto: obsediam-n'os com pedidos, atormentam-n'os com instancias, aterram-n'os com ameaças, illudem-n'os, subornam-n'os, corrompem-n'os.

E depois que triumpham, riem-se dos *trouxas*, satisfeitamente . . .

No tempo das eleições indirectas, os republicanos, exactamente como os monarchistas, mantinham *viveiros* de votantes, entouriam-n'os de comidas gordas, encharcavam-n'os de bebidas baratas, mandavam-n'os vestir a sua custa, davam-lhes pequenas quantias de dinheiro . . .

Em Campinas, por occasião da ultima dessas eleições, em casa dos srs. Joaquim Teixeira de Queiroz e Luiz Soares de Araujo, á Rua Lusitana, ouvimos de um votante que lá se estava *fardando* á custa de um chefe republicano:

— *A gravata eu quero vermeia, porque eu sou republicano.*

Sahimos desanimado, profundamente entristecido.

Hoje, que o censo está mais alto, os meios são outros, mas os principios são os mesmos: não se extendem mais vastas mesas sempre postas, e atopetadas de comidas gordurentas e bebidas grosseiras, não se dão mais — ponchos, surtuns, camizas, calças, cothurnos; mas fazem-se festins lautos, banquetes de ostentação, enca-

minham-se negocios, arranjam-se empregos, endossam-se lettras, barateiam-se promessas . . .

Pouco importa que o eleitor se desmoralise perante si proprio e perante o seu candidato; o que se quer é que elle vote.

Constituido em S. Paulo na noute de 17 de Janeiro de 1872, e em Itú a 19 de Abril de 1873, o partido republicano paulista tractou logo e logo de organizar uma *commissão permanente* que o dirigisse.

Esta instituição ferrenha, copiada servilmente dos directorios dos partidos constitucionaes, põe e dispõe, dirige os republicanos como bem lhe parece, decide em ultima instancia de todos os negocios politicos, administra, governa, reina com sceptro de ferro.

E' um *Conselho dos Dez*, é uma perfeita oligarchia.

Ao envez do pretor romano, cura até das cousas minimas; ainda ultimamente não foi possivel dar pezames em tempo á familia de Quirino dos Santos, porque a *commissão* não se reuniu!

Por Deus! Si havemos de delegar o poder de agir, si havemos de delegar até o pensamen-

to, si havemos de ser sempre ovelhas arrebanhadas, fiquem as cousas no pé em que estão.

Pastores por pastores, antes os velhos.

E' intuitiva, é visível a preponderancia que em materia de politica republicana tem Campinas tomado sobre toda provincia: S. Paulo é apenas uma succursal, recebe de Campinas as suas inspirações.

E' em Campinas que vai fallar o sr. Quintino Bocayuva, o sr. Saldanha Marinho, o sr. Bartholomeu Brasil, e *tutti quanti*.

S. Paulo contenta-se com a eloquencia do sr. Rangel Pestana.

Ha um negocio qualquer, surge uma difficuldade, telegrapha-se para Campinas, e de lá vem o sr. Glycerio...

*
**

Mas esta preponderancia não tem razão de ser.

Campinas é o meio menos apropriado ao desenvolvimento da idéia republicana, pelo menos da idéia republicana pura, verdadeiramente democratica, egualitaria.

Fertil até em excesso, salubre, bem aquinhoada em todos os sentidos, o territorio do

município de Campinas está todo dividido em vastas propriedades, cultivadas, regidas pelo mais puro systema feudal. Cada fazendeiro é um solarengo, senhor de facto de baraço e cutello, quasi inaccessible, em caso de abuso, á vindicta da lei.

A maxima parte da população livre campineira é opulenta, criada no luxo, habituada a mandar com imperio, e a ser obedecida sem restricções: não tem, não póde ter idéia da egualdade practica dos direitos humanos.

Por insubmissão para com os que estão no poder, para com os que representam a auctoridade, declaram-se os campineiros republicanos: quando se trata das classes opprimidas, muda o caso de figura.

São republicanos de baixo para cima; e de cima para baixo não podem ser.

Sem que se acabe com a escravidão, sem que se divida a grande propriedade, Campinas não será republicana.

E' exactamente em Campinas que está collocado o quartel general do republicanismo paulista!

Irrisão! . . .

Para que fosse á Camara um deputado republicano campineiro, para que o sr. Campos Salles pudesse fazer retumbar entre os deputa-

dos monarchistas a palavra *republica*, carregando muito no *r*, que mundo de sacrificios que se não fez!

A coherencia das ideias, a moralidade dos principios, a dignidade pessoal, o futuro da causa, tudo, tudo foi immolado.

O programma do partido aguarentou-se, encolheu-se, reduziu-se a um escopo unico — eleger o sr. Campos Salles.

Que tremendo suicidio a transacção de 84!

Os republicanos paulistas julgam que seus homens dirigentes têm monopolizado o pouco que ha de sciencia neste paiz.

Erra quem delles destôa, em philosophia, em politica, seja no que fôr.

E todavia . . .

Para que repetir aqui a segunda *Carta Sertaneja*?

Não é o receio que nos immobilisa a penna, é o tedio.

Podemos ir longe, mostrando qual o espirito de mesquinha *coterie* que reina entre os republicanos, qual a *elevação* dos meios de que

se elles servem para desmontar um adversario, quaes as suas armas de combate. . .

Não o fazemos.

O partido republicano paulista precisa de uma refórma séria, radical, *de fond en comble*.

Programma, organização, meios de propaganda, systema de lucta, norma de acção, tudo isso carece de ser substituído.

Francamente, não acreditamos que os republicanos actuaes sejam capazes de comprehender esta verdade.

Simus ut sumus, aut non simus, é a sua maxima.

De desacerto em desacerto, de erro em erro, elles se vão desconceituando, e a monarchia se vae consolidando.

Não nos illudem as repetidas adhesões: não nos passa despercebida a causa que em maior numero as produz. Damos pouco valor a quantidade, por conhecermos a qualidade. . .

Nós, em tempo, criamos convencidamente que o reinado do sr. d. Pedro II fosse o ultimo reinado no Brasil: hoje a duvida invadiu-nos o espirito. . .

E nós, em ultima analyse, não responsabilizamos o partido republicano, não o incriminamos.

Sabemos que as leis da psycho-sociologia são fataes como as da chimica ou as da physica.

Quem condemna o acido por atacar o metal? Quem responsabilisa o liquido por procurar o seu nivel?

O partido republicano paulista é o que é: faz o que faz, e faz muito, porque faz o que póde.

Está em proporção exacta com os factores que o produziram, com o meio em que se desenvolveu.

A metaphysica *voltairiana* do seculo XVIII, cultivada por uma sociedade de declamadores egoistas, de discipulos de jesuitas e frades, só poderia dar a monarchia constitucional, ou então estes republicanos.

Ainda uma vez, nós reprovamos o republicanismo paulista como producto de maus factores, mas não o inculpamos.

E' inutil, é nocivo, não é criminoso: a tarefa que o dever nos impõe a nós Brasileiros, é substituil-o, não é sujeital-o á sancção penal.

Bruxoleia-nos uma esperança: é a que temos na geração nova, nessa mocidade que surge, não estragada pela metaphysica e pela ambição, mas sedenta de luz, desinteressada, capaz de abnegação, capaz de sacrificio.

Nosso coração pulsa com força, marejam-nos os olhos lagrimas de entusiasmo, quando ouvimos nas livrarias moços imberbes pedirem as obras de Darwin, de Haeckel, de Ferrière, de Lefèvre, de Buchner, de Letourneau, de Donnat.

Vendo essas jovens cabeças, esses olhares limpidos, esses organismos novos e robustos, atentando no afã, na sofreguidão com que sorvem a haustos largos o leite são da sciencia do seculo, da fecunda impiedade moderna, sentimo-nos com forças para lutar, porque vemos camaradas, porque vemos successores..

Væ soli!

Nada ha que tanto desanime o homem como o ter de lutar sem companheiro, como ter de ser um contra todos.

Faz-se mister força...

Com Carrilho Videira (*) entendemos que “os escriptores condescendentes afundam o povo na chateza, na banalidade, tiram-lhe a energia e a independencia intellectual.”

Com Carrilho Videira ainda, entendemos que “CRITICA e LUCTA são as duas forças que podem levantar paizes decadentes e corruptos, como presentemente é Portugal, como presentemente é o Brasil.

Dos insubmissos tem emanado todo o progresso social.”

E nós não nos submettemos, não sabemos ceder.

E agora como sempre nada de pessoal nos seduz, nenhum interesse proprio nos impelle.

Temos escripto por civismo, por civismo continuamos a escrever. “O homem que sabe servir-se da penna, que póde publicar o que escreve, e que não diz a seus compatriotas o que entende ser a verdade, deixa de cumprir um dever, commette o crime de covardia, é mau cidadão.”

Assim pensavamos e escreviamos em 85, assim pensamos e escrevemos hoje.

(*) “Provincia de S. Paulo”, 22 de janeiro de 1887, correspondencia de Portugal,

A PROCELLARIA

6 de Fevereiro de 1887.

E' horrivel a educação politica do povo brasileiro.

Em presença dos interesses de partido não se guarda acatamento á verdade: colorem-se, invertem-se, torturam-se os factos, para que digam o que póde servir á conveniencia de momento; em uma palavra, mente-se ás escancaras, com todo o despejo...

Não se faz justiça a adversario: — *exterminentur omnes qui sicut nos non cogitant* — tem sido, é, será por muito tempo a maxima vigente na terra de Santa Cruz.

Uma prova disto.

Quem vai assistir ás sessões da nossa assembléia provincial, si é sincero e recto, fica indignado, fica triste, perde o animo, descrê.

E' um tumultuar tão intenso de paixões ruins, é um referver tão azedo de odios pes-

soaes, que antes cuida a gente estar em uma ar-
ruaça reles do que em um conselho de repre-
sentantes do povo.

Por um incidente qualquer, a proposito de
qualquer insignificancia, irritam-se os *padres*
conscriptos, fusilam os olhares coleras medo-
nhas, descoram as faces, os dedos contorcem-se,
cerram-se os punhos, alveja a espuma na com-
missura dos labios, cruzam-se a partes ameaçado-
res, arroja-se como um calhau á face do adver-
sario a insolencia desbragada...

E em tudo quem se sacrifica verdadeira-
mente é o espirito publico, é o caracter na-
cional.

O alvo, o ponto de mira hoje de todos os
ataques da opposição liberal e republicana, nes-
ta provincia, é o honrado paulista, que está na
presidencia, o sr. barão de Parnahyba.

No dizer das bancadas opposicionistas, is-
to aqui é agora uma Sicilia, e o sr. de Parna-
hyba um Verres muito bem acabado.

Parcial, arbitrario, violento, perseguidor,
tudo elle é, tem todas as qualidades más.

E não se contentam: descem ao insulto
grosseiro, chamam-n'ó *desaforado*, *descarado*,
sem pudor, *sem pejo*, que isso é o que quer di-
zer a palavra IMPUDENTE, a elle atirada pelo
sr. Theophilo Braga...

Mas isto revolta, seja dirigido contra quem fôr, seja mesmo dirigido contra quem tenha manifestamente errado.

Ha um respeito mutuo em que se baseia a sociedade, e é uma metaphysica absurda querer separar o *homem do administrador*.

Ninguém desconhece aos deputados o direito de censura, o direito de accusação; mas também ninguém lhes reconhece o *direito de injuria*.

A cousa seria tão monstruosa como o é philologicamente a expressão.

O orgam republicano opportunist, em seu editorial de 30 do passado, diz:

“Sabemos que o actual presidente da provincia é um chefe politico, partidario e educado na escola das reacções e violencias, que tanto têm compromettido a nossa educação social.

Não podemos, pois, fazer de s. excellencia um administrador superior ás influencias do meio em que se formou e vive.”

Até certo ponto parece-nos dizer o contemporaneo uma verdade, mas uma verdade que se faz mister generalisar, que se faz mister extender a todo o politico brasileiro, absolutamente, incondicionalmente, sem excepção.

Desde que se constituiu o imperio do Brasil até hoje, ainda não houve um administrador,

um homem de governo que deixasse absolutamente de lado os interesses politicos de seu partido, para tractar só e só da moralidade da administração.

E si houve, que nos apontem essa *phenix*, essa *avis unica*.

Não houve, não ha.

E caso se tratasse só de politica, bem iria.

Muita, muita vez entram em campo interesses de outra ordem...

E quando estes fallam, tudo o mais guarda silencio...

Até numa discussão de um projecto de lei elles, os interesses de outra ordem, se fazem sentir, si não na resistencia violenta, ao menos na taciturnidade reprovadora...

Ainda outro dia o sr. Braga Filho tractou largamente da localisação do escravo na provincia, sem um unico *apoiado* da bancada republicana.

E' que ella tinha ante os olhos, como em visão beatifica, certas fazendas de Campinas, de Jahú, de tantos outros municipios paulistas...

Diz a opposição liberal que o sr. de Parnahyba, cedendo ás exigencias do eleitorado de Brotas, reintegrou o delegado dessa localidade, desauctorando o senhor Manuel Juvenal, chefe de policia.

Demos que tudo tenha sido como diz a opposição.

O delegado de Brotas, Fuão Simões, não tem contra si a opinião publica: si tivesse, já teriam surgido protestos e accusações por parte dos Brotenses, e até o presente nada disso appareceu.

Si de facto todo o eleitorado de Brotas exigiu que Simões fosse reintegrado, é que Simões não é o que entendia o sr. Manuel Juvenal que elle era.

Entre os eleitores governistas de Brotas ha de haver algum character serio, que não pactue com desmoralisações, que tenha civismo, que tenha brio que farte para não pedir a reintegração de um tractante.

O que ha de real, de positivo em tudo isto, é um acto, talvez não destituído de alcance politico, mas confessavel, honesto, do governo provincial, acto pelo qual se julgou desauctorado o ex-chefe de policia.

Mas esta *desauctoração* parece que toca mais de perto aos conservadores do que mesmo á opposição liberal. . .

Por prudencia deixam os liberaes em socego a moralidade dos principios: essa dama tem com elles largas contas a ajustar, tem contra elles fundadas razões de queixa. . .

Por exemplo, para fallar só em chefes de policia, e sem sahir da provincia — aos interesses de certas influencias de Pirassununga foi pelo sr. Assumpção sacrificado o sr. Hippolyto de Camargo; aos interesses do sr. capitão Tito Corrêa de Mello, foi pelo sr. Laurindo sacrificado o sr. Piza e Almeida, um dos caracteres mais puros de que se póde ufanar a provincia de S. Paulo; aos interesses de... quem quer que fosse! foi, pelo governo geral, sacrificado o senhor Baeta Neves, e com elle o presidente de então, o sr. de Guajará...

Sem que se ferisse a si proprio, o partido liberal não podia, nessa questão, atirar pedras ao sr. de Parnahyba.

A administração deste senhor é partidaria, não ha negar: elle procura, nas raias do honesto e do justo, de accordo com os interesses publicos, servir aos interesses politicos do seu partido.

Mas, por Deus! onde o crime? Aponte-se em toda a historia politica do Brasil uma das boas administrações, uma só, uma unica que o tenha deixado de fazer!

E ainda nisso ha civismo: o homem de bem que segue um partido, é porque está convencido de que as idéias desse partido, realisadas, trarão a felicidade da patria; e procurar

fazel-as triumphar é mais do que o seu direito, é o seu dever.

E ainda — si houvesse um homem tão pouco pratico, tão insensato, tão imbecil, digamos, que procurasse servir a politica contraria de preferencia áquella que o tivesse nomeado para um cargo qualquer de confiança, esse homem nada poderia fazer; seria immediatamente demittido.

Com presidente de nomeação do governo central, ha de haver sempre politica partidaria: só poderá ter auctoridade verdadeira, autonomia, independencia, o presidente escolhido por eleição popular.

O estado actual de cousas é consequencia fatal do systema que nos rege: querem acabar com o mal, sinceramente, verdadeiramente — não lhe aparem os galhos, cortem-n'o pela raiz. . .

Nas circumstancias actuaes, a administração do sr. de Parnahyba tem sido uma das menos violentas, das mais moralisadas, das melhores mesmo que póde haver.

Onde estão as victimas da sanha do *proconsul*? (*).

(*) Proconsul chama ao sr. de Parnahyba o auctor de uns versos insertos no *Paulista* de 1.º do corrente.

E' o professor da Redempção, é o ex-chefe de policia. . .

Proh pudor!

Nós que escrevemos estas linhas sabemos de factos que provam a sociedade ter o sr. de Parnahyba anteposto por vezes a conveniencias instantes do partido a causa da justiça, que se apresentava sem protecção, sem empenho, confiando em si só.

Os sacrificios de interesse politico pessoas, de interesses pecuniarios que fez o sr. de Parnahyba acceitando a presidencia, e que continúa a fazer permanecendo na administração, só deixará de ver quem mesmo fechar os olhos.

O sr. de Parnahyba é um paulista que honra a S. Paulo, e está prestando ao paiz e principalmente á provincia um serviço assignalado.

Fiel ao seu programma de cortejar o merito onde quer que o encontre, a *Procellaria* folga por ter este ensejo de fazer justiça a um Brasileiro distinctissimo, atrozmente vilipendiado.

A PROCELLARIA

13 de Março de 1887.

Por alguns dias arredou-nos da imprensa o cumprimento de um dever que contrahiramos.

Hoje que, como todos sabem, esse dever está cumprido, voltamos ao nosso posto, tomamos de novo a penna.

Durante a curta interrupção desta folha deram-se muitos factos que não escapariam a nossas apreciações, e que todavia lá se foram despercebidos dormir um somno perpetuo nas aguas mansas do passado olvidoso.

Durmam . . . durmam . . .

Não seremos nós quem os vá revocar todos á vida da publicidade . . .

Um, porém, revocamos, um ha vir a explicações, que assim o exige a nossa dignidade.

O correspondente que nesta capital tem o *O Paiz*, dispensou-nos, em data de 10 do passado, mil injustissimas amabilidades: chegou até

a comparar o nosso deslavado dizer com o que tem produzido a penna fulminea de Camillo Castello Branco...

Penhorou-nos a benevolencia, mas, cumpre confessal-o, o exaggero acanhou-nos, confundiu-nos.

E o correspondente não se limitou a levantar além do devido o nosso debil merito, escreveu tambem:

“Julio Ribeiro ainda não satisfez os compromissos do seu programma. Republicano, como já declarou que era, e ha muito, collocado, portanto, na melhor das posições para o combate, porque o seu partido tem uma doutrina firme, tem grandes abusos a derrocar, tem uma missão generosissima a cumprir, elle esquece o inimigo para ferir no proprio acampamento os seus companheiros da legião. Republicano, é aos republicanos que elle ataca de preferencia, e, dos partidos monarchicos, é ainda ao liberal, áquelle que representa portanto as idéias mais adiantadas, que dirige os seus mais duros golpes.

De modo que, para os conservadores que estão no poder, para os conservadores, que vivem agarrados ás velharias batidas de todos os partidos de ha meio seculo, não ha censuras nem mordacidade em sua penna diamantina; e

justamente os que se sacrificam na opposição, os que desejam os progressos da democracia brasileira, os que luctam emfim pelas idéias mais adiantadas do nosso tempo, é que têm de supportar-lhe os golpes e as injustiças.

E' exquisito.

Fazer *A PROCELLARIA* para dar aos Herodes do poder o espectáculo de uma degolação dos innocentes; fazer *A PROCELLARIA* para exaltar a administração do sr. barão de Parna-hyba; fazer *A PROCELLARIA* para acabar talvez por dizer que estamos muito bem e no melhor dos mundos possiveis — é realmente uma pena, com o talento e com o saber de um republicano que tantos serviços podia prestar ao ao seu partido."

E concluiu:

"Elle, que póde; elle, que é forte, que num assomo de coragem foi buscar á imagem da procellaria o typo do seu jornal, deve fazer mais, porque é triste vêr engrossar com uma ave da tempestade e da lucta o bando de perús que come tranquillamente o seu milho nas capoeiras governamentaes."

Tomamo-nos de profundo desanimo com a leitura dessas linhas que ahi ficam transcriptas.

Será realmente a justiça um ideal inattin-

givel? perguntamo-nos a nós proprio. Merecerá sempre recriminação sangrenta quem proclama a verdade? Doloroso . . . desolador . . .

A PROCELLARIA não se fez, não se faz para exaltar a administração de quem quer que seja: nada temos dito, nada dizemos, por onde nos possam julgar optimista. Liberaes e conservadores estão ouro e fio perante nós: são defensores das instituições monarchicas.

A PROCELLARIA não se bandeou com grupo algum: defendeu um homem honestissimo, atrozmente vilipendiado, o exmo. barão de Parnahyba.

Em identicas circumstancias defenderia, de motu proprio, sem que lho pedissem, o sr. Moreira de Barros, o sr. Leoncio de Carvalho, o sr. Rangel Pestana, o sr. Francisco Glycerio.

Pugna pela verdade, exalta o merito onde quer que o encontre.

Increpa-nos o correspondente porque, sendo nós republicano atacamos os republicanos.

E' verdade: atacamos o partido republicano, e em fazel-o só temos um pezar — é que a pequenez de nossas forças não corresponda á grandeza de nossa vontade.

Em S. Paulo ha republicanos honestos, convictos, capazes de abnegação, capazes de sa-

crifício, mas não ha verdadeiro partido republicano.

A aggremação politica, que com esse nome se adereça, é em sua maxima parte uma massa heterogenea de despeitados, de descontentes, de *manquês* dos velhos partidos que, de oportunidade em oportunidade, de modificação em modificação, vai deslisando em meandros, vai contornando os acontecimentos, sem direcção, inconsciente, cega como um curso de agua que abre caminho novo em terreno accidentado, e ora ferve em cachões nos declives, ora rodeia preguiçoso o sob-pé das collinas.

Somos republicano.

Fomol-o sempre, fomol-o desde o tempo em que aqui ainda não havia o partido *soi disant* republicano, desde o tempo em que o sr. Saldanha Marinho era agente do imperialismo nesta provincia e na de Minas.

A republica pura, intemerata, foi em todas as epochas nosso ideal politico. Afagámos desde menino a ideia republicana, como um homem affectivo afaga a filhinha mimosa.

Vimol-a desenvolver-se em nossa mente, vimol-a gracil e risonha, fadada a grandes cousas; e o que nos doia immenso era que o nosso braço fosse debil para amparal-a, era que a nossa vida fosse curta para vê-la chegar á meta de

seu destino, para vê-la firmada na patria, para vê-la dominando sem estorvos em toda a America do Sul.

De repente, como o estalar do raio, ribombou o manifesto de 3 de dezembro.

Exultámos.

A nossa filhinha gentil tinha sido adoptada, perfilhada por homens poderosos, por varões conspícuos!

Protegida, erguida no pavez por campeões robustísimos, ella ia triumphar, ia firmar o seu poder...

Desillusão!

Em vez de guardar a pureza immaculada de suas carnes de menina e virgem, em vez de guiar-lhe os passos para que não conspurcasse a candidez das vestes na lama do caminho, em vez de fazer troar-lhe aos ouvidos o "*Allons enfants*" ou "*Ecrasons l'infâme*", para que não a dementassem os amavios do poder prematuro — elles a levaram sem resguardo, deixaram que se rebolcasse nos muladares da estrada, fizeram-n'a beata, escravagista; tornaram-n'a ridiculamente cupida, pequeninamente ambiciosa...

Mais tarde, quando a curva suave dos seios annunciou a puberdade, quando dos seus flancos robustos jorrou a primeira onda cruen-

ta da vitalidade maternal, elles, os metaphysicos opportunistas, os viciosos velhos dos lupanares monarchicos, estupraram-n'a barbaramente, desbotaram-lhe as faces com beijos torpes, mataram-lhe o pudor feroz, syphilisaram-n'a, atiraram com ella envelhecida, alopetica, sorvada, obscena, a vender-se em almoeda, a apregoar-se em voz rouquenha nas tertulias eleitoraes do setimo e do oitavo districto!

E quer o correspondente que sejamos todo mel, todo branduras para com os Lovelaces da democracia?!

Não, mil vezes não! *Facit indignatio versum*, é a indignação que nos dirige a penna.

Não cremos no actual partido republicano.

Embora se modifique elle a ponto de aceitar hoje e proclamar em espectaculosas conferencias o que hontem repellia, embora finja adoptar como principio a intransigencia que outr'ora condemnára, nós nelle não temos fé: para nós tudo o que d'elle vem é presente de Gregos.

Camaleão popular, Proteu da democracia, o partido republicano paulista a tudo se amolda, reveste-se de todas as côres, toma todas as fórmulas.

Escravocrata e abolicionista, plebeu e fidalgo, ultramontano e atheu, ordeiro e revolucio-

nario, hoje federal, amanhã com certeza separatista, tudo elle é, tudo elle sabe ser. . . O que quer é ter peso na balança eleitoral. . .

Aquelle programma hybridado em que á mais abstrusa metaphysica cerzem-se apophthegmas positivistas; aquella doutrina *immensa* de ser a substituição do elemento servil questão social e não politica; aquella religiosismo official apregoado pelo sr. Quirino dos Santos e pelo sr. Quintino Bocayuva, e ainda um dia destes reconhecido pela *Provincia* a proposito da adhesão do sr. Antonio Lobo; aquella transaccionismo elevado outrora theorica e praticamente á altura de um principio, e agora repellido; aquella corromper torpe do povo por parte dos chefes, no tempo das eleições indirectas; aquella capitulação ultima em Santos, ante as exigencias do abolicionismo — eis algumas *peças de convicção* do processo em que é réo o actual partido republicano paulista.

Nós, si já não temos fé nos velhos, nos estragados politicos vindos dos arraiaes monarchistas, temol-a ainda na mocidade que surge, e della esperamos a reconstrucção futura da patria.

Amamos o nosso paiz, sentimo-nos com força de escrever, escrevemos: luctamos — só-sinho por emquanto — mas luctamos.

E havemos de vencer porque a nossa arma é a VERDADE, a tremenda, a irresistivel, a esmagadora VERDADE.

Agora, saudamos o correspondente distinctissimo d'O PAIZ, e apertamos-lhe a mão sem rancor.

A PROCELLARIA

20 de Março de 1887.

As cousas lindas, bellas, de trabalho e de côr, constituem uma necessidade pessoal nossa: para que possamos escrever faz-se mister que tenhamos diante dos olhos livros raros, quadros, *bibelots*, armas finas.

Em uma sala nua nada produziríamos.

Adoramos a ceramica. Diante de um vaso de *vieux Sèvres*, de uma estatueta de Saxe, de um porta-cartões de *majolica*, perdemos o computo do tempo, esquecemos o mundo, hypnotisamo-nos...

A ceramica oriental, essa enfeitiça-nos...

A porcellana faz-se de uma argilla branca, fina, unctuosa, especie de decomposição feldspathica, a que os Chinezes apellidam *kao-lin*, e que nós aqui no Brasil denominamos *tatabinga*. O revestimento, o esmalte exterior da

massa, é da mesma natureza feldspathica: chama-se *pe-tun-tze*.

O *kao-lin* cozido sem *pe-tun-tze* é o biscuit dos Francezes, a porcella fosca.

Revestido de *pe-tun-tze* e cozido a uma temperatura assombrosa, o *kao-lin* constitue a porcellana esmaltada, massa absolutamente branca, vidrenta, resistente, sonora quasi como o metal.

Imagine-se o que com estes elementos faz a raça amarella, essa raça paciente que a nós se nos afigura tão excentrica!

Que ha com effeito que possa rivalisar com esses extranhos artefactos do Imperio do Meio e do Japão mysterioso, com esses productos extravagantes, com esses vasos de garbo phantastico, a casar o leitoso lascivo da sua massa esmaltada com umas côres que a nós, homens do occidente, parecem visualidades de febricitante?

Os animaes hieraticos da theurgia chino-japonica, o *long*, dragão do céu, o *kao*, dragão da montanha, o *li*, dragão do mar, o *mang*, serpente de garras, o *fong-hoang*, passaro mystico de pennas sedosas e cauda ocellada, o cão gadelhudo de Fó, mandarins, guerreiros, mulheres, borboletas, flores, succedem-se, agrupam-se, confundem-se, destacam-se, ora em uma

confusão de colorido cru, ora em um quebrantamento de meias tintas, que derrota a imaginação.

As porcellanas chinezas e japonezas dividem-se em *familias*: ha a *familia branca*, a *familia rosea*, a *familia verde*, a *familia amarella*, a *familia khrysanthemo-peonia*, o *celadão florido*.

E em todas o ouro dá a tudo um tom alto de riqueza e soberbia, ora rebrilhando fulgido em reflexos ardentes, ora assombrando-se suave em um desmaio fosco.

E todavia a ceramica chinesa não se confunde com a japoneza: separa-as um abysmo, como diz Jacquemart.

Na China a producção é industrial: mãos sem numero deixam traços impessoaes nos artefactos. Com o Japão o caso é outro: predomina a individualidade, o artista imprime na sua obra o cunho do seu talento.

E nós, occidentaes, si não podemos distinguir os trabalhos deste ou daquelle mestre afamado em ceramica japoneza, podemos bem discriminar os estylos varios, as escolas differentes. Na China tudo está immobilizado, tudo é estacionario; faz-se hoje o que se fazia ha quinhentos annos: no Japão a arte avança, tudo progride.

A ceramica chinesa abunda em figurinhas, em miniaturas phantasticas, exquisitamente associadas em um deboche de cores heterogeneas, em uns desenhos absolutamente sem perspectiva: a ceramica japoneza tem um estylo largo, verdadeiro, realista; adorna-se em cores suaves que se completam, seu tanto ou quanto scientificamente, em concepções notaveis pelo apparecer incipiente da noção da perspectiva.

Uma collina em cone truncado no fundo de um desenho tambem caracteriza a obra artistica japoneza: é o *Fusi-Yama*, montanha sagrada do Japão, cratera extincta, cujas ultimas erupções se perderam na noite dos tempos, fundo de quadro que figura por obrigação nacional em quasi todas as obras de arte do paiz.

E não só se distingue a ceramica japoneza da chinesa: distinguem-se tambem, tanto a porcellana chinesa como a japoneza, de provincia para provincia, de fabrica para fabrica.

A porcellana japoneza mais afamada é a de *Kaga*, ou melhor *Kan'ha*, que alguns pronunciam erradamente *Kanga*, assim chamada por ser esse o nome do principe proprietario da fabrica.

Esta acha-se no Hokrikfdoo, na grande ilha de Nippon.

Sua porcellana, que não se vende com-

mumente no Japão, é conhecida na Europa desde a exposição de 1867, em a qual ella figurou. As peças distinguem-se por inscripções mais ou menos longas em caracteres chamados *kutani*.

Os productos mais distinctos de Kaga são peças de uma porcellana espessa, muito branca, decorada a vermelho e ouro.

O desenho dellas é finissimo, o gosto apurado. Os Japonezes dão-lhe o nome de *Yego* ou *Nisikite*.

Outra producção notabilissima são os grés silicosos da fabrica pertencente ao principe de Satzuma, no Saykaydoo, ilha de Kiu-Siu.

A imitação de certas porcellanas chinezas antigas, estes grés são *estalados*, *craquelés*, como lhes chamam os francezes.

Na nossa louça ordinaria européa, na faiança commum, dá-se um phenomeno que toda a gente conhece: o esmalte racha, fende-se, em mil polygonos irregulares. E' isso devido á desigualdade de dilatação entre a massa da peça e o esmalte.

Os artistas de Satzuma, regularizando scientificamente este defeito, converteram-n'o em ornato bellissimo: fazem-n'o grande, medio e miudinho. Este ultimo é o que chamam *trutado*.

Os grés *trutados* de Satzuma, de porte esbelto, elegante, realçados por desenhos de uma composição distinctissima, de uma execução primorosa e ao mesmo tempo extraordinariamente complicada; os grés *trutados* de Satzuma, notaveis pela combinação de cores mortas cujo esbatido suave faz lembrar as illuminuras dos missaes da idade media, os vitraes das igrejas goticas, a pintura bysantina; os grés *trutados* de Satzuma, dizemos, são o feitiço, o enlevo, a vesania dos amadores.

Nenhuma collecção de ceramica oriental tem valor, si lhe falta uma estatueta, um vasiinho, uma jardineira, uma caçoula de grés *trutado* de Satzuma . . .

Aos Portuguezes deve a Europa a vulgarisação da porcellana, mal conhecida até o seculo XV por uma ou outra rarissima peça, trazida por acaso do mais remoto Oriente.

Por ser curioso e digno de nota, transcrevemos o seguinte trecho do *Tractado das Cousas da China* de Frei Gaspar da Cruz, obra impressa em Lisboa no anno de 1569:

“Tambem ha porcelana seja de barro comum que se usa por toda ha terra da China e por toda ha india, toda via ha muita porcelana grossa e outra muito fina, e a algua que nam he licito vender se comunmente, porque

soo usam della os regedores por ser vermelha e verde, e dourada e amarela: vende se algua desta e muito pouca e muito escondida. E porque ha muitas opiniões antre os Portuguezes que nam entraram na China sobre onde se faz ha porcelana e acerca do material de que se faz, dizendo hus que de cascas de ostras, outros que de esterco de muito tempo podre, por nam serem enformados da verdade, parece me conveniente cousa dizer aqui ho material de que se faz conforme aa verdade dita pelos que ho viram. Ho material da porcelana he hua pedra branca e mole, e algua he vermelha, que nam he tam fina, ou pera melhor dizer he hu barro rijo, ho qual depois de bem pisado e moido e deitado em tanques dagoa, os quaes elles tem muito bem feitos de pedra de canteria, e alguns engessados, e sam muito limpos, e depois de bem envolto nagoa, da nata que fica de cima fazem as porcelanas muito finas: e assi quanto mais abaixo, tanto sam mais grossas, e da borra do barro fazem huas muito grossas e baixas de que se servem a gente pobre da china, fazem nas primeiro deste barro, da maneira que os oleiros fazem outra qualquer louça, depois de feitas as enxugam ao sol, depois de enxutas lhe poem ha pintura que querem de tinta de anil que ha tam fina como se vee: depois de enxutas

estas pinturas, poem lhe ho vidro, e vidradas cozem nas.”

Longe iriamos si quizessemos expender tudo o que sabemos, tudo o que temos lido sobre a ceramica oriental: o assumpto é vasto, é immenso, é illimitado. Basta dizer que só em Imali, provincia de Fizen, ha vinte e cinco fabricas diversas nas vertentes da montanha kaolinica de Idsumi-Yama.

Mais longe ainda iriamos si quizessemos fallar da ceramica da Coréa, das Indias, da Asia Menor, da Persia.

O que hoje está em dia em S. Paulo, o acontecimento palpitante, o facto de sensação é a *montre* oriental do sr. Antonio Rezende.

Este cavalheiro que não é sómente um negociante, mas que tem tambem uma alma de artista, um gosto naturalmente fino e cuidadosamente educado, que é um *amador* distinctissimo, proporciona a S. Paulo uma occasião unica de vêr, de estudar, de adquirir genuinas preciosidades do mais remoto Oriente.

Esplendida, deslumbrante exposição!

Ahi se vêem as *fukusas*, esses admiraveis quadrados de seda apisoada, em que estão bordadas aves tão assombrosamente reaes, que “a

luz brinca-lhes na plumagem, como si fora em uma plumagem natural!”

Ahi estão os punhaes afiados, de bainha dourada; os sabres-montantes de lamina sem rival e longa empunhadura; os *bibelots* de marfim velho; os leques de marfim novo, varados á luz, rendilhados, assombrosos, impossiveis; as estatuetas de Satzuma, de bronze, de creme de porcellana; os vasos de todas as familias chinezas e japonezas; os bronzes artisticos, em floreios caprichosos de cinzelamento; os vasos de esmalte clausurado; as peças de charão fino; os stores de granada e bambu; os biombos de panno escuro, realçados por bordados de torçal de ouro; as incrustações calcareas do Auvergne; os quadros italianos...

Esplendida, deslumbrante exposição!

Não podemos deixar de congratular-nos com o povo paulista pelo acolhimento que tem dispensado ao sr. Rezende e á sua exposição. Prova manifesta de gosto, de educação artistica — já se gastam algumas centenas de mil reis na aquisição de um simples vaso de porcellana...

Muito bem! Muito bem!

“Em nosso amor ao canto do lar, diz Emi-

lio Zola, nós nos apaixonamos pelo *bibelot*. Os trabalhadores passam os dias deante de sua mesa, tendo só para recreio dos olhos a vista dos moveis vizinhos e de quatro paredes. Então, si são artistas, si precisam de cousas lindas de trabalho e de côr, cobrem os moveis de bronzes, penduram nas paredes quadros, louças, sedas bordadas.”

O gosto que se vai desenvolvendo em S. Paulo pela ornamentação das salas, a paixão pelos *bibelots*, pelas *chinoiseries*, é um symptoma caracteristico de progresso na educação esthetica, na cultura do sentimento, na evolução mental.

Profalças a S. Paulo.

A PROCELLARIA

27 de Março de 1887.

Nesta nossa terra cousas ha que causam assombro porque não têm explicação, e uma dellas é a paciencia córnea da provincia de S. Paulo em tolerar o desherdamento a que a vota o poder central.

Contribuindo com parte avultadissima da renda do estado, trabalhando duro para o minotauro do Rio de Janeiro, como os membros do corpo humano para *mestre estomago* na fábula de Menenio Agrippa, a provincia de S. Paulo tem uma representação minima na assembleia nacional, não gosa de prerogativa alguma, de tudo está esbulhada.

O commercio paulista tem-se desenvolvido de modo incrível nestes ultimos tempos: fazem-se aqui transacções avultadissimas; gyram, circulam grossos capitaes.

E todavia não temos uma juncta de com-

mercio! Para um simples contracto de sociedade dependemos da côrte!

A mobilisação, a transferencia de apolices da divida publica, de acções de companhias, de titulos hypothecarios faz-se por meio de agencias particulares! Não ha uma *bolsa*, uma *praça de commercio*, em que se obtenham noções exactas do viver diario do capital, em que se estudem as oscillações da offerta e da procura de fundos, em que se regularise o mercado monetario da provincia.

E o commercio de S. Paulo dirigiu ha dous annos uma representação ao poder competente, e esse poder até hoje, moita! Guardou e guardará aureo silencio...

Pará, Maranhão, Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Sul tem suas junctas de commercio: S. Paulo tem a do Rio de Janeiro!

E não é tudo: o telonio em que São Paulo entrega ao *senhor*, o melhor de seu sangue — a celebre, a decantada, a rendosa alfandega de Santos — é um desastre para o commercio importador desta capital.

A cidade de S. Paulo, não ha negar, é o abastecedouro, é o emporio real de toda a zona paulista e de grande parte da zona meridional de Minas, e a alfandega não está em S. Paulo, está em Santos!

Resultado — o despacho em vez de ser feito directamente e, por conseguinte, diligentemente, cuidadosamente, pelos interessados, fica entregue a despachantes mercenarios que não têm, que não podem ter o zelo dos donos das fazendas. Os caixões e fardos abertos para a verificação do conteúdo, aguentam baldeação, e seguem viagem pela estrada de ferro nas pessi-
mas condições de acondicionamento em que ficam depois de revistados.

E' incrivel o prejuizo que ha quasi quotidianamente em vidros, crystaes, louças, porcelanas quebradas, em fazendas finas que soffrem avaria.

Quem carrega com estes prejuizos?

Os destinatarios, o commercio paulista.

Suscita-se uma questão sobre a tabella em que deve ser qualificado este ou aquelle genero para o pagamento de direitos; quem decide é a parte mais interessada, é o fisco; e a decisão lhe é sempre favoravel, porque o despachante pago não tem o fogo, a força moral, o interesse necessario, digamos, para oppôr uma reclamação fundamentada, para fazer valer a todo o transe o direito de seu constituinte.

Quem soffre ainda com isso?

Os destinatarios, o commercio paulista, repetimos.

Tudo, tudo promptamente se remedeia com uma medida simples, facil, obvia, com uma medida já tomada em relação a cidades do Rio Grande do Sul, de importancia muito somenos comparativamente a S. Paulo — *ALFANDEGAR O ARMAZEM DA ESTAÇÃO.*

Si se traduzisse em realidade esta medida, o commercio mandaria fazer os despachos por seus proprios empregados; os caixões e fardos desfar-se-iam e refar-se-iam com methodo e ordem, lestantemente, por pessoal idoneo e pratico, sem se estragar a fazenda: de mais a mais, esta só teria de ser baldeada da estação para a casa do destinatario; as classificações se fariam sob as vistas e com a acquiscencia dos interessados que dariam todas as explicações, justificando-as com facturas e documentos; os generos em deposito estariam infinitamente melhor do que em Santos, evitando a acção daquelle clima roaz, que tudo estraga, desde o aço até a saude do homem. . .

— *Aqui d'El Rei!* bradam os commissarios santistas, e o nosso commercio?!

— Mudava-se para cá, respondemos, e com isso lucravam todos, inclusive os senhores commissarios, porque franquezinha! isto aqui, é um seio de Abrahão, si se estabelece confronto

com esse estuario abafadiço, ardente, flagellado pelo noroeste, devorado pelas endemias.

E' convicção nossa que estamos a prégar no deserto, todavia cumprimos o nosso dever, prégamos.

S. Paulo precisa urgentemente, já, de uma juncta de commercio, de um armazem alfandegado: não ha de ter nem uma, nem outra cousa.

Tenha paciencia, que é o que lhe tem valido, e o que lhe continuará a valer.

A PROCELLARIA

3 de Abril de 1887.

A substituir-nos nestas columnas vem hoje o brilhante jornalista Henrique de Barcellos, cujo artigo — *Os Escravos no Brasil* — com a devida venia transcrevemos do *Correio de Campinas*, de 31 do passado.

Eis o magistral escripto:

“Ha dias dava entrada no nosso escriptorio um cavalheiro estimavel e advogado distincto, em cujo semblante se lia a indignação.

Dolorosa surpresa nos produziu isto.

Da parte do nosso amigo de tantos annos haveria uma reclamação amarga suscitada por alguma noticia do *Correio de Campinas*?

Poucas palavras explicaram a vinda do dr. Augusto Ribeiro de Loyolla a este escriptorio.

A sua indignação provinha de um livro que trazia na mão.

Esse livro era o *Journal des Voyages*.

Nelle se continha um artigo com o titulo *Os Escravos no Brasil*, artigo assignado por Xavier de Ricard, de quem mais adiante se tractará. O dr. Loyolla pediu-nos que dissessemos alguma cousa sobre o artigo; que ao menos uma voz, obscurissima, se erguesse, como um protesto, contra esse acervo de factos deturpados e de miserias calculadamente vestidas com as côres da verdade.

Em uma hora de descanso, breve parenthe-se ás occupações quotidianas, lemos o artigo do sr. Xavier de Ricard.

Este artigo é illustrado por duas gravuras.

Na primeira, um preto, com as mãos atadas atrás das costas, atira-se entre dois trens, e esmaga o craneo.

Na segunda a scena é outra e mais horripilante.

Suppõe-se a *casa da machina* em uma fazenda. Ao centro vê-se uma caldeira sobre um forno, cujo fogo é alimentado por carvão que um preto lhe atira pela bocca inflammada.

De um moitão desce uma corda; nessa corda está atado um escravo que se estorce horrorizado sobre a agua a ferver que lhe vai cozinhar as carnes...

A' volta vê-se uma excellente *mise-en-scène*. Um sujeito grosso, de suissas curtas, ar brutal,

ordena que precipitem o escravo na caldeira; a outro lado um typo de *bilontra*, chapéo redondo e cigarro na bocca, dá a idéia da indifferença cynica que o gravador empresta aos Brasileiros em face de tormentos desta especie.

Imagine-se o effeito terrivel que estes quadros devem produzir na Europa! Em um jornal conceituado da capital da França!

*
**

Vão perguntar-nos si acaso não temos noticias de malvadezas similhantes, e talvez, nos recordem o facto recente de Valença, onde um fazendeiro brutal quebrou, a torquez, os dentes de um escravo depois de o moer de pancadas.

Não ha quem ignore, certamente ,esses fructos naturaes da lugubre tragedia da escravidão; e extranho seria que a instituição os produzisse diversos.

Mas a brandura do character brasileiro não auctorisa, felizmente, que se generalisem misérias que toda a imprensa conscia do seu dever condemna sem hesitação; felizmente taes factos são excepções e rarissimamente se dão, e, quando se dão, infundem natural horror e colhem a flagellação de todos os espiritos educados.

Xavier de Ricard, como Biard, como tantos outros que por fatalidade viram o Brasil pela rama, e que se safaram consumidos de negro despeito, tomou um facto e apresentou-o aos olhos dos Europeus estupefactos como mostra da *civilização do Brasil!*

Trieste contingencia a que está sujeito este paiz, eternamente desacreditado, systematicamente jogado ao vilipendio !

O artigo desse homem, entre algumas verdades amargas, contém duzentas falsidades pelo menos.

E' assim que, impellido por aquelle mal entendido e cégo patriotismo que sepultou o exercito napoleonico no desastre de Sédan, asseverou que o movimento emancipador se tem realisado no Brasil, porque á sua frente está a colonia franceza!

Ora nós sabemos que este movimento tomou já a feição de um accesso de febre. As leis e os particulares fazem quanto lh'o permittem os interesses para acceleral-o. Colonia alguma, franceza, portugueza ou italiana, tomou a iniciativa desse movimento que se operou pela força da civilização e pelo convencimento, hoje generalisado, de que a instituição servil é um mal.

Resta-nos mostrar quem é L. Xavier de Ricard.

Ha certamente enorme differença entre este *tourist* galhofeiro, despeitado, e os sabios que se chamaram Von Martius e Geoffroy Saint Hilaire, que visitaram o Brasil, escreveram a seu respeito, mas não guiados pela intenção traiçoeira de cobrir de ridiculo este paiz.

Em uma carta ao nosso douto amigo Julio Ribeiro, publicada no *Correio de Campinas* em 11 de Março de 1886, fizemos o retrato desse homem que pouco havia deixára o Brasil para ir fundar em Paris um jornal *consagrado aos interesses do Brasil*, de collaboração com Clovis Hugues — que deve conhecer muito o Brasil... pela carta geographica.

Ricard esteve preso á questão Poli; era no Rio redactor do *Sud-Americain*, e embarcou num transatlantico depois de vomitar varias porcarias contra o Brasil, querendo gosar de certa importancia que ninguem lhe deu, tanto que se foi embora quando quiz, sem que poder algum o incommodasse.

Esse homem viveu no Rio e pouco mais viu que os arredores do largo de S. Francisco. Ignora completamente a lingua portugueza de que deu o mais deploravel documento no artigo do *Jornal das Viagens*.

E' assim que lêm-se ahi os termos *hacienda*, *festor*, e *fazandaro*, tão extranhos á nossa lingua como os do idioma tupy.

Haveria um meio de pôr cobro a estas vergonhas ,era si entre os diplomatas brasileiros residentes em Paris um só delles sentisse na frente a metade da indignação experimentada pelo dr. Loyolla.

Infelizmente ainda para o Brasil os diplomatas, seus filhos que elle sustenta a peso de ouro, longe de offerecerem protesto a todos os Ricards mais ou menos *typos*, fazem constar que nem Brasileiros são!

Seria obra realmente patriótica do governo brasileiro substituir toda aquella caterva de nomes sonoros, mas sem uma pinga de pundonor nacional, pela sociedade central de imigração, cujos esforços homericos, tão pacientes, são de um golpe destruidos pelas gravuras de um Ricard ignorante e mau!

HENDEBAR."

A PROCELLARIA

17 de Abril de 1887.

Organizado de conformidade com as disposições do decreto n.º 9649 de 2 de Outubro de 1886, e do aviso n.º 974 de 17 de Março de 1887 baixou um programma para os exames geraes de preparatorios em todo o imperio.

E' esta a sua primeira disposição — “O exame de Portuguez precederá a qualquer outro.”

Nada mais acertado, nada mais methodico; com effeito, como diz Boileau, sem o conhecimento do proprio idioma, ninguem chega a escriptor; tudo, mas mesmo tudo, deve começar pelo estudo da lingua vernacula. Não sei como entenderá Virgilio ou Milton o Brasileiro ou Portuguez que não entenda Camões e Gil Vicente.

Examinemos perfunctoriamente o programma de Portuguez:

Prova escripta

A prova escripta consistirá em uma composição livre sobre assumpto que a sorte designar dentre os pontos organizados diariamente pela commissão julgadora.

Prova oral

A prova oral constará: 1.º, de analyse phonetica, etymologica e syntaxica de um trecho de extensão razoavel, escolhido pela commissão julgadora em uma pagina sorteada, na fórma do regulamento vigente, de um dos livros abaixo indicados; 2.º, da exposição de um dos pontos grammaticaes seguintes, tambem sorteados na fórma das disposições regulamentares.

Sortear-se-á em cada dia um dos livros marcados no programma, bem como a centena de paginas, da qual se sorteará tambem a pagina em que cada alumno deverá ser examinado, escolhendo nella os examinadores o trecho para esse fim." Art. 39 do decreto n. 6.130 de 1.º de Março de 1876.

Livros de exame

Camões, *Lusiadas*, seculo XVI.

Lucena, *Historia do padre Francisco Xavier*, idem.

Fr. Luiz de Souza, *A vida do Arcebispo*, seculo XVII.

Gabriel de Castro, *A Ulysséa*, idem.

Santa Rita Durão, *O Caramurú*, seculo XVIII.

Padre Theodoro de Almeida, *O Feliz Independente*, idem.

João Francisco Lisboa, *Vida do Padre Antonio Vieira*, seculo XIX.

Barão de Paranapiacaba, *A Camoneana*, idem.

Indicação. — Por ocasião da analyse, o examinando tambem deverá ser arguido sobre o sentido preciso de cada palavra do trecho sorteado, e sobre o sentido geral do mesmo trecho. Um dos examinadores se occupará desta parte do exame, e o outro das theorias grammaticaes.

Pontos oraes

1. — Observações geraes sobre o que se entende por grammatica geral, por grammatica historica ou comparativa e por grammatica descriptiva ou expositiva.

Objecto da grammatica portugueza e divisão do seu estudo. Phonologia: os sons e as letras; classificação dos sons e das letras; vogaes; grupos vocalicos; consoantes; grupos consonantae; syllaba; grupos syllabicos; vocabulos; notações lexicas.

2. — Da accentuação e da quantidade.

3. — Origem das letras portuguezas; leis que presidem á permuta das letras; importancia destas transformações phonicas no processo de derivação das palavras.

4. — Dos Metaplasmas.

5. — Dos systemas de orthographia e das causas de sua irregularidade.

6. — Morphologia: estructura da palavra; raiz; thema; terminação; affixos. Do sentido das palavras deduzido dos elementos morphicos que as constituem; desenvolvimento de sentidos novos nas palavras.

7. — Da classificação das palavras. Do substantivo e suas especies.

8. — Da classificação das palavras. Do adjectivo e suas especies.

9. — Classificação das palavras. Do pronome e suas especies.

10. — Classificação das palavras. Do verbo e suas especies.

11. — Classificação das palavras. Das palavras invariaveis.

12. — Agrupamentos de palavras por familias e por associação de idéias. Dos synonymos, homonymos e paronymos.

13. — Flexão dos nomes: genero; numero; caso. Noções de declinação latina. Desaparecimento do neutro latino em Portuguez; vestigios de neutro em Portuguez; vestigios da declinação em Portuguez. Origem do s do plural.

14. — Flexão dos nomes: grau do substantivo e do adjectivo; comparativos e superlativos syntheticos; comparativos e superlativos analyticos.

15. — Flexão dos nomes; flexão do pronome; declinação dos pronomes pessoaes.

16. — Flexão do verbo; conjugação; fórmulas de conjugação.

17. — Formação das palavras em geral: composição por prefixos e por juxtaposição. Estudos dos prefixos.

18. — Formação das palavras em geral: derivação propria (por suffixos); derivação impropria (sem suffixos). Estudos dos suffixos.

19. — Das palavras variaveis formadas no proprio seio da lingua portugueza.

20. — Das palavras invariaveis formadas no proprio seio da lingua portugueza.

21. — Etymologia portugueza; principios em que se baseia a etymologia. Leis que presidiram á formação do lexico portuguez.

22. — Da constituição do lexico portuguez. Linguas que maior contingente forneceram ao vocabulario portuguez.

23. — Character differencial entre os vocabulos de origem popular e os de formação erudita; duplas ou formas divergentes.

24. — Da criação de palavras novas. Hybridismos.

25. — Etymologia do substantivo e do adjectivo. Influencia dos casos na etymologia dos nomes.

26. — Etymologia do artigo e do pronome.

27. — Etymologia das fórmulas verbaes; comparação da conjugação latina com a portugueza.

28. — Etymologia das palavras invariaveis.

29. — Da syntaxe em geral. Breves noções sobre a estrutura oracional, do Latim popular e do Latim culto. Typos syntaxicos divergentes na lingua portugueza.

30. — Syntaxe da proposição simples. Especies de proposição simples quanto á fórmula e

á significação. Dos membros da proposição simples.

31. — Syntaxe da proposição composta ou do periodo composto. Coordenação. Subordinação. Classificação das proposições.

32. — Regras de syntaxe relativas a cada um dos termos ou membros da composição.

33. — Regras de syntaxe relativas ao substantivo e ao adjectivo.

34. — Regras de syntaxe relativas ao pronome.

35. — Regras de syntaxe relativas ao verbo. Do emprego dos modos e tempos, correspondencia dos tempos dos verbos nas proposições coordenadas e nas proposições subordinadas.

36. — Regras de syntaxe relativas ás formas nominaes do verbo.

37. — Regras de syntaxe relativas ás palavras invariaveis.

38. — Syntaxe do verbo *haver* e do pronome *se*.

39. — Da construcção: ordens das palavras na proposição simples e das proposições simples no periodo composto.

40. — Da collocação dos pronomes pessoais.

41. — Das notações syntaxicas; pontuação; emprego de letras maiusculas.

42. — Figuras de syntaxe. Particulas de realce.

43. — Dos vicios de linguagem.

44. — Das anomalias grammaticaes; idiosmismos; provincialismos; brasileirismos e dialecto.

45. — Das alterações lexicas e syntaxicas; archaismo e neologismo.

46. — A syntaxe e o estylo.

Não ha negar; é este um programma organizado scientificamente, sobre as bases largas, solidas, da sciencia da linguagem. De uma parte a *lexeologia*, isto é, as palavras consideradas em si phonologica, morphologica, taxonomicamente; de outra, a *syntaxe*, as palavras constituindo expressão de juizo, formando sentenças.

A *orthographia* não é mais considerada irracionalmente como uma divisão autónoma da grammatica; é tida como o que ella de facto é, como um departamento da *phonologia*.

Nada se olvida no programma, de tudo se trata: exigem-se conhecimentos serios de *morphologia*: quer-se a raiz, o thema, a terminação,

o affixo da palavra flexional; quer-se o agrupamento das palavras por familia e por associação de ideias, quer-se a *etymologia* no sentido restricto do termo; querem-se os preceitos da *syntaxe* por gradação natural, por familias de palavras; quer-se o discrimen exacto da proposição simples e da proposição composta, da coordenação e da subordinação; quer-se... Em uma palavra — nada de superfetações escolasticas, nada de metaphysica medieval: quer-se o que se deve querer; exige-se o que se deve exigir.

Si fomos vaidoso, era esta a hora de rejubilar: o programma de Portuguez, bem como os de todas as outras linguas que se ensinam oficialmente no Brasil, está de accordo exacto, perfeito com os principios da grammatica scientifica, que, em 1881, tivemos a ousadia de arrojarse á publicidade.

Hoje abundam em Portuguez monographias linguisticas valiosissimas; temos a primeira parte da monumental grammatica historica de Pacheco Junior; Adolpho Coelho, Leite de Vasconcellos, João Ribeiro, Fausto Barreto, Lameira de Andrade brilham como astros de primeira grandeza no céu da nossa philologia: mas, ainda assim, é a nossa Grammatica a *unica* grammatica por onde se possa preparar um

alumno para enfrentar com o actual programma de exames.

Sério conflicto se nos antolha entre o referido actual programma e a Grammatica Portugueza official do curso annexo á Academia de Direito.

Admittindo principios immutaveis e geraes da palavra pronunciada ou escripta em todas as linguas; dividindo a grammatica em *Ety-mologia*, *Syntaxe*, *Prosodia* e *Orthographia*; repellindo como innovação impropria a denominação scientifica *Morphologia*; reproduzindo em edições successivas com uma obstinação lamentavel, doutrinas e ensinamentos caducos, o auctor da grammatica official, o illustre cathedratico de Portuguez vai se vêr em serios embaraços.

Nos exames de Novembro, ou arguirá os alumnos segundo o programma, e, nesse caso, perguntar-lhes-á pelo que se não encontra na sua grammatica; ou então arguil-os-á só sobre o que essa grammatica ensina, e nesse caso ficará como letra morta o programma.

A grammatica e o programma repellem-se: ou um ou outro, não ha meio termo.

A PROCELLARIA

1 de Maio de 1887.

Terrível se nos antolha o futuro, si não soubermos ter, si não tivermos de facto a mascula energia que caracterisava os nossos avós.

Nós, paulistas, somos um povo chegado á idade viril: é tempo de sacudir um jugo de ha muito incomportavel, é tempo de mandar embora o tutor famelico que nos come as carnes, que nos suga o sangue.

Não lhe pedimos conta do passado: o que já foi, já foi. Queremos o presente, queremos o futuro.

O nosso interesse, o nosso direito, a nossa dignidade não comporta mais uma união lesiva e infamante com quem nos rouba no interior, com quem nos avilta no estrangeiro.

Egoista, frio, sceptico, sem patriotismo, sem pudonor nacional; abafando com dinheiro as exigencias dos fortes que não sabe repellir;

arvorando internamente a extorsão em regra de direito para subvencionar a filhotada; operando conversões da divida publica que são verdadeiros estellionatos; *impondo* quasi emprestimos populares com reformas monstruosas de caixas economicas; adiando para as calendas gregas a construcção do caes de que S. Paulo não póde prescindir; demolindo alguns edificios nossos historicos, como que para apagar-nos as tradições, e deixando que outros caiam por si de velhos; recusando-nos a parte ratinhada que deveriamos ter na distribuição dos vinte mil contos que nós mesmos annualmente pagamos; abandonando-nos a nós proprios em tudo e por tudo que não seja tendente a tirar-nos as ultimas gottas do sangue empobrecido — o governo central constituiu-se-nos em feitor sem entranhas, do qual força é que nos libertemos.

E porque não fazel-o? Porque protelar o dia da manumissão?

Que laços nos prendem ao imperio, ao centro, ao Norte?

Com franqueza, com verdade — nenhum.

Mesologicamente, ethnologicamente, genealogicamente nós somos um povo á parte.

A chamada “Provincia de São Paulo” com seus tractos immensos de terra roxa de uma fertilidade inextinguivel; com seus vastissimos

steppes que estão a clamar por ovinos, caprinos e bovinos que os povoem; com suas minas inexgotaveis de ferro, de hulha, de cobre, de ouro, de prata, de tudo, a espera só e só de uma exploração intelligente para que jorrem thesouros; com seus rios caudaes, tão piscosos quasi como o mar — a chamada “Provincia de S. Paulo” basta-se a si propria, não precisa de extranhos.

Nós, paulistas, bem como nossos irmãos mineiros e paranaenses, somos gente muito diversa da gente do Norte que nos governa.

Temos tradições, temos habitos, temos costumes — nossos só — desconhecidos, incomprehensíveis até ao estrangeiro, ao nortista.

Nosso sangue é outro — em nossa maxima parte descendemos da colonia fidalga, que, em circumstancias especialissimas, fundou, nesta capitania de S. Vicente, Martim Affonso de Souza.

Fallamos, é verdade, a mesma lingua que falla o Norte, mas isso não tira e nem põe: o Belga falla Francez, e não é Francez; o Hungaro falla Allemão, e não é Allemão.

O Norte esmaga S. Paulo: a S. Paulo assiste o direito sagrado de revolta.

E é tempo.

Por mais que pullulem as noticias officiaes

sobre as melhoras de saude do imperante, ninguem ignora que o segundo reinado já bruxoleia no occaso.

Que nos trará o terceiro?

Que nos poderá advir a nós da carolice intolerante da futura imperatriz, em união tremenda com a avareza sordida do Orleans consorte?

Horrores.

A exploração, a espoliação ha de continuar, e em escala que nem nós podemos prever.

Victimas e victimas ridiculas, porque é ridicula toda a victima que tem forças e dellas se não serve, nós continuaremos na faina para sustentar o centro, para enriquecer o Norte.

O Norte foi em todos os tempos governo, é governo, ha de ser sempre governo.

A oppressão dos Paulistas, grande agora — já incomportavel — vai se tornar peor.

Não ha negar, o actual imperante, por natureza ou por manha, é avesso a medidas violentas, é prudente, mostra-se mesmo magnanimo...

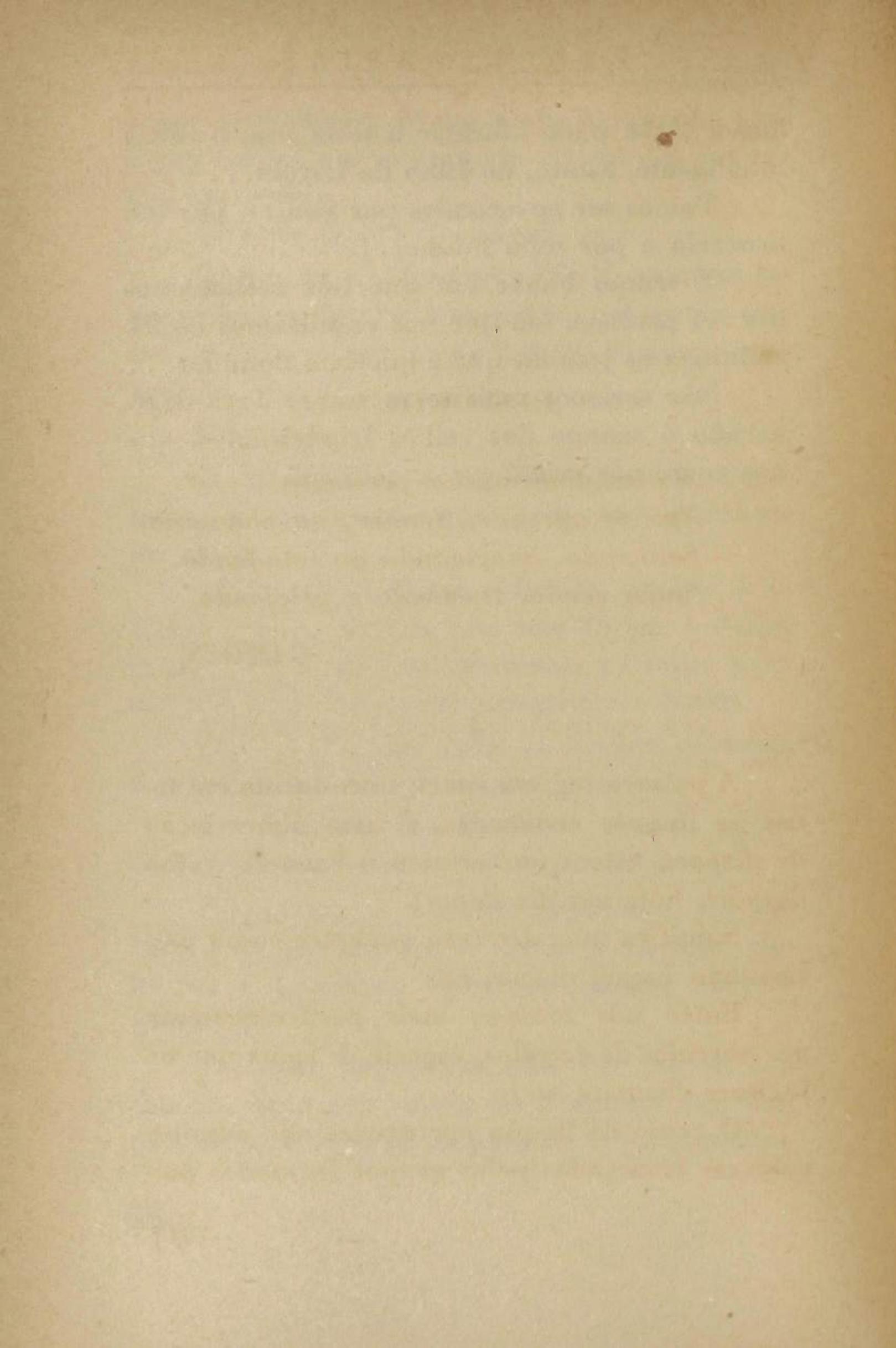
A futura imperatriz, não. Por trás de seu throno, entre sua cabeça de Bragança orgulhosa e beata, e o perfil vulpino do Orleans ganan-

cioso, já se póde lobrigar a testa lisa, o olhar intelligente, astuto, do filho de Loyola...

Vamos ser governados por padres, por um usurario e por uma mulher...

E tempo houve em que nós acclamámos um rei paulista, em que nós expulsámos de Piratininga os jesuitas que a queriam dominar...

Não seremos mais os mesmos? Terá degenerado o sangue dos velhos bandeirantes, que nos corre nas veias?



DESPORTO

*A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na phantasia,
Sonhando, imaginando ou estudando.
Sinão vendo, tractando e pelejando.*

CAMÕES.

I

A palavra ingleza sport, introduzida em todas as linguas civilisadas, é uma abbreviação de *disport*, e tem por origem o Francez velho *desport*, hoje em dia *déport*.

Significa uma diversão qualquer como passarinhar, caçar, pescar, etc.

Entre nós toma-se mais particularmente por *corridas de cavallos*, especie de sport que os Inglezes chamam *turf*.

O genio da lingua portugueza não admitte palavras começadas pelos grupos formados por

s e outra consoante, como *sc*, *sp*, *st*: a taes grupos antepõe o Portuguez um *e* euphónico.

Não admitte também palavras acabadas em *t*.

Sport, a ser transplantado para o Portuguez, deveria ser sob a fôrma *esporto*.

A fôrma *sport*, quer phonica, quer graphicamente, repugna ao genio da nossa lingua.

Mas nós não precisamos de *sport*, nem de *esporto*: temos o termo em sua pureza morphologica, e com a mesmissima significação ingleza — *desporto* ou então *deporte*.

“Per outro caminho, em que por seu *desporto* todos os principaes juntamente comiam e folgavam.” (*Chron. de D. Affonso V.*).

“Reservando algumas coutadas para *desporto* de el-rei.” (GOES, *Chr. Man. I. cap. 26*).

“Por hi passeia amor e vai a seus *deportes*” (SA’ DE MIRANDA, *Carta Guadalquivir*).

Não é de bom conselho condemnar a adopção em Portuguez de um termo ou de uma phrase expressiva estrangeira: mas tomar alterado por phonetica peregrina o que temos em perfeito estado de conservação, é simplesmente . . . sandice.

Reviva, pois, o velho e bom vocabulo portuguez *desporto*, e safe-se o inglez *sport*, que

não tem que fazer cá, e que só nos serve para deturpar a vernaculidade do dizer.

Entro em materia.

Como tudo quanto diz respeito aos exercicios cynegeticos faz parte do *desporto*, fallarei das espingardas de caça usadas entre nós.

Até os fins do primeiro quartel do seculo andante, dominou no Brasil, como em toda parte a *espingarda de pederneira*, chamada tambem *espingarda de fechos*.

Nesta espingarda a conflagração da polvora da carga effectuava-se de modo muito engenhoso: uma peça articulada (cão) movida por uma mola forte levava um silex de encontro a um fuzil de aço, sujeito por uma mola fraca.

O silex, batendo no fuzil, revirava-o para diante, descobria uma *caçoleta* ou *fogão*, e ao mesmo tempo feria fogo.

As chispas, cahindo na caçoleta posta a descoberto, encontravam a *escorva* que se inflamava e communicava fogo á carga por um orificio (ouvido) practicado no cano.

Havia dous typos principaes de espingardas de pederneira — a *espingarda pé de cabra* e a *espingarda lazarina*.

Da primeira pouco posso dizer, porque ainda não vi nenhuma. Sei que deriva o nome

da configuração da coronha, que era arma pesada e de muito alcance.

A *espingarda lazarina* era uma antiga espingarda portugueza, de estylo arabe: o cano, em que se lia, gravada, a inscripção — Lazaro Lazarino Legitimo de Braga —, era reforçado, e tinha um metro e as vezes mais de comprimento. A coronha era estriada no couce e acompanhava o cano até á bocca. Estas duas peças, coronha e cano, mantinham-se junctas por meio de duas ou tres braçadeiras, e de um parafuso que, partindo da saliencia anterior do guarda-matto, rosqueava-se no rabicho da culatra. Além do ponto oblongo juncto da bala (bocca) da arma, auxiliava a pontaria uma mira em fôrma de anel.

Esta mira e as braçadeiras, bem como todos os mais apparelhos, eram de metal amarello.

Completava a arma uma vareta, geralmente de madeira.

Não se póde negar que estas compridas armas de silex eram superiores em alcance a todas as modernas, ainda as mais aperfeiçoadas.

Muito deve o Brasil á *espingarda lazarina*: auxiliar poderoso da civilisação, ella foi a arma dos ultimos bandeirantes paulistas; ella acabou de desbravar os sertões do Paraná, de

São Francisco, do Amazonas; ella collaborou no estabelecimento das lavras de Minas, Goyaz e Matto Grosso.

Antes de ceder de todo o passo a sua rival fulminante, ella figurou pela ultima vez na defesa de uma nobre e sancta causa: a *espingarda lazarina* foi a arma principal dos rebeldes de 42.

Em Arêas, em casa de José da Silva Belém, correndo o anno de 1855, eu ainda vi dezenas de velhas *espingardas lazarinas* que tinham sido tomadas aos vencidos do ataque do João Moreira.

As duas ultimas *espingardas lazarinas*, novas do trinque, expostas á venda em loja nesta provincia, vi-as eu ainda em Arêas, no mesmo anno de 1855: faziam parte do espolio do capitão mór Gabriel Seraphim da Silva, morto na epidemia de cholera-morbus que então houve.

Antes de passar além, não será fóra de razão dizer duas palavras sobre as outras armas de fogo portateis usadas na provincia: para ataque e defesa havia trabucos, clavinotes, bacamartes de bocca de sino e de bocca achatada, *pistolas lazarinas*, pistoletes com baionetas de mola, de cano cylindrico, de cano alargado, garuchas de vareta presa, tudo de pederneira.

As armas *reunas*, de guerra, eram espingardas, terçoiras e pistolas de adarme avançado, do fabricante inglez Tower.

De tudo isso, aqui e alli, nos museus ou em poder de particulares, ainda se encontram amostras.

Sei que ha armas de pederneira com dous canos: eu nunca as vi.

DESPORTO

*A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na phantasia,
Sonhando, imaginando ou estudando.
Sinão vendo, tractando e pelejando.*

CAMÕES.

II

De 1785 a 1787 Fourcroy, Vauquelin e Berthollet estudaram a fundo os *fulminatos*.

Por este nome eram conhecidos ammoniuretos de prata, de platina, de ouro, e tambem um mixto de chlorato de potassa e enxofre: tanto os saes puros como o preparado do sal de potassa detonam sob um choque vivo.

Bem conhecidos os *fulminatos*, surgiu logo a idéia de applical-os á inflamação da polvora nas armas de fogo.

Alexandre Forsyth, armeiro escossez, foi quem conseguiu methodisar as experiencias, e

construir de modo practico a *espingarda de percussão*, a *espingarda fulminante*.

A escorva era uma bolinha de mixto chímico, coberta por uma camada de verniz, e sujeitava a arma a mil inconvenientes, entre os quaes estava o de disparar frequentes vezes.

Pauly, armeiro de Paris, em 1808, substituiu aos ammoniuretos de prata, platina e ouro, e ao chlorato de potassa, o *fulminato* (nitrato) de mercurio, descoberto em 1744 pelo pharmaceutico Bayen.

Em 1812 o celebre Lepage construiu bellas armas de percussão, mas só em 1818 foi que o Inglez Egs corouou a obra, inventando a *espoleta*, capsulazinha de cobre, em que a escorva de *fulminato de mercurio* conserva-se fixa e abrigada (*).

A arma de percussão tem sobre a de pederneira innumeradas vantagens, entre as quaes cumpre mencionar a simplificação do mechanismo, a diminuição das falhas de fogo, e sobre tudo a possibilidade de ser usada com vento e com chuva.

De uma espingarda de pederneira dizia-se

(*) Em Minas as "espoletas" ainda se chamam "escorvas", as primeiras espoletas tinham bórdas affectando a configuração de um chapéo.

— *é muito boa de fogo e muito boa de chumbo*: de uma espingarda de percussão diz-se simplesmente — *é muito boa* —, e já se deixa vêr que só se trata do alcance e penetração dos projecteis, porque, *de fogo*, toda a espingarda de percussão deve ser boa.

Uma espingarda de percussão compõem-se de *cano, coronha, baterin ou fechos, guarnições, vareta e bandoleira*.

Cano é o tubo de ferro, aço ou damasco, destinado a receber e a despedir a carga.

Ha a notar no cano:

- 1) *Bala* ou *bocca*, extremidade aberta.
- 2) *ponto*, saliencia de metal juncto da *bala*: serve para guiar o raio visual na pontaria.
- 3) *alma*, vacuo interno cylindrico.
- 4) *camara*, parte posterior da alma, onde se aloja a carga.
- 5) *reforço*, parte espessa do cano, correspondente á camara.
- 6) *culatra*, tarugo de ferro ou aço, que fecha a camara: consta de *rosca* e *rabicho*. Ha culatras que não têm rabicho fixo, mas que se prende a elle por um dente: chamam-se *culatras de peça*.

7) *bomba*, saliencia forte da culatra ou do reforço, em a qual se fixa o *ouvido*.

8) *ouvido*, peça que recebe a capsula: compõe-se de *cone*, *quadrado*, *canal* e *rosca*.

9) *passador*, *presilha*, por onde passa o *pontaletes* que segura o cano á coronha.

10) *braçadeiras*, prisões para a *vareta*.

11) *acompanhamento*, vara de ferro soldada inferiormente a alguns canos para reforçal-os: nas espingardas de dous canos ha dous acompanhamentos um *inferior*, outro *superior*.

Coronha é o suporte de madeira em que se ajustam as peças metallicas que constituem a arma.

Ha a notar na coronha:

1) *haste*, prolongamento anterior que recebe o cano.

2) *delgado ou empunhadura*, parte media por onde a mão direita segura a arma.

3) *couce*, parte posterior grossa que serve para equilibrar a arma e firmal-a no hombro na occasião da pontaria.

Distinguem-se no couce *bico* e *talão*, *face direita* e *face esquerda*.

4) *caixa do cano*, concavidade da haste, que recebe o cano.

5) *caixa da bateria*, concavidade que recebe a bateria.

6) *caixa da vareta*, furo cylindrico ao longo da haste onde se mette a vareta.

7) *caixa do espoleteiro*, concavidade em que se assenta o espoleteiro.

8) *feições*, saliencias que contornam a caixa da bateria, e que, na espingarda de um cano, de bateria adiantada, fingem symmetricamente outra bateria.

Bateria ou *fechos* vem a ser o apparelho mechanico que serve para percutir e fazer detonar a capsula.

Ha a notar na *bateria*:

1) *chapa*, placa de ferro, que serve de assento a todas as peças do mechanismo.

2) *cão*, martello que percute a capsula.

3) *noz*, peça interior articulada ao cão. A noz tem dous piques ou entalhes, o *descanço* e o *armador*. Prende-se ao cão pelo *quadrado* e pelo *parafuso do cão*.

4) *ponte*, peça interior destinada a manter o parallelismo do cão e da noz, e a segurar o gafanhoto.

5) *gafanhoto*, peça de armar. Tem dous braços, um que trava a noz, e outro que recebe a acção do gatilho.

6) *mola real*, mola que faz mover a noz e o cão.

7) *mola do gafanhoto*, mola que força o gafanhoto e o faz travar a noz.

8) *engranze*, peça que articula a mola real com a noz.

9) *gatilho*, alavanca que actua sobre o gafanhoto, e faz descer o cão.

10) *parafuso do cão*.

11) *parafusinhos*; em numero de tres ou de quatro.

A bateria das espingardas de percussão foi por muito tempo chata e *adiantada* como a das armas de pederneira: George Lowel, director da fabrica de armas de Enfield, Inglaterra, imaginou inverter a collocação da mola real, e assim inventou a *bateria atrazada e levemente convexa*, que é hoje a preferida, tanto por ser mais elegante, como por dar mais solidez á arma. Todavia nas espingardas de luxo de calibre fraco preferem-se as *baterias adiantadas*, por prestarem-se melhor a ornatos e labores. Questão de gosto.

Guarnições são peças accessorias, destinadas a prender o cano á coronha, a proteger outras peças, e mesmo a embellezar a arma.

São:

- 1) *pontaleta do cano*, cavilha ou tarugui-
nho de ferro que atravessa a haste da coronha
e o passador do cano, prendendo uma peça a
outra.
- 2) *pontaleta do gatilho.*
- 3) *parafuso do rabicho da culatra.*
- 4) *parafuso da chapa da bateria.*
- 5) *guarda-matto*, argola protectora do
gatilho.
- 6) *parafuso do guarda-matto.*
- 7) *espoleteiro*, reservatorio para as cap-
sulas.
- 8) *parafuso do espoleteiro.*
- 9) *bocal da vareta.*
- 10) *chapa do couce.*
- 11) *parafusos da chapa do couce.*
- 12) *chapinha do parafuso da chapa da
bateria* (nas espingardas de um cano).
- 13) *chapinhas do pontaleta do cano.*
- 14) *chapa do gatilho*, peça em que se
move o gatilho.
- 15) *zarelhos da bandoleira.*
- 16) *parafusos dos zarelhos.*
- 17) *escudete da firma.*

O *guarda-matto* e bem assim as chapas e

mais guarnições ornamentaes costumam a ser de liga metallica branca, amarella ou de prata.

As armas finas tem guarnições de aço polido, tauxiado ou lavrado, e chapinhas ou escudetes de prata e até de ouro.

A chapa do couce e o prolongamento posterior do guarda-matto por vezes são de chifre: talvez para evitar ao caçador nos climas gelidos, o contacto desagradavel do metal resfriado.

Vareta, como o nome indica, é uma pequena vara de madeira ou ferro: serve para auxiliar o carregamento, e para limpar o cano por dentro. Consta de *cabeça, haste e sacatrapo*.

Bandoleira é uma correia com fivella, destinada a facilitar a conducção da arma, suspendendo-a ao hombro ou ás costas do caçador.

Em algumas espingardas ha na bateria, pelo lado de fóra, uma peça que, em certa posição, não permite que o cão alcance a capsula, evitando assim que a arma dispare. Em outros o gatilho, em vez de segurar-se á coronha por meio de um pontalete, fixa-se na sua propria chapa por uma presilha: nessa presilha ha uma mola muito branda que o afasta do gafanhoto.

Ao tractar das armas de pederneira, já fallei da vantagem de alcance que tinham ellas sobre as armas de percussão.

Essa vantagem era real: as espingardas de

pederneira *alcançavam e cortavam mais* do que as de percussão, assim como estas alcançam e cortam mais do que as do *systema Lefauchaux*.

Muito tempo depois da diffusão e do triumpho difinitivo das espingardas fulminantes, ainda havia caçadores que por causa do maior alcance preferiam as de pederneira.

A que attribuir tal superioridade?

A' descarga do excesso de gazes pelo ouvido, cuja abertura, nas armas de pederneira, nunca se interceptava?

Parece ter sido essa a razão que se achou, porquanto em muitas espingardas finas de percussão ha na bomba um respiro guarnecido de platina, sempre aberto, identico ao ouvido das armas de pederneira.

Por esse orificio, na occasião do tiro, sai um longo e fino jacto de fogo e fumo.

As armas assim dispostas, como tenho por mim verificado, são excellentes: *alcançam e cortam* muito.

DESPORTO

*A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na phantasia,
Sonhando, imaginando ou estudando.
Sinão vendo, tractando e pelejando.*

CAMÕES.

III

Medir uma carga de polvora, mettel-a no cano da espingarda, correr uma bucha sobre essa polvora, socal-a com a vareta, medir e metter no cano uma carga de chumbo, correr e socar tambem uma bucha sobre esse chumbo, tirar do espoleteiro uma capsula, armar o cão, collocar a capsula sobre o cone do ouvido, descer cautelosamente o cão — é, não ha negar, operação complicada, morosa, aborrecida e difficilima, sinão impossivel quando tem de ser feita ás pressas, sob chuva, no escuro, em quaesquer condições anormaes.

Pois é o que tem de fazer para cada tiro quem caça com arma de percussão.

E ainda ha mais inconvenientes.

Ha dependencia absoluta de uma vareta: quebrada ou perdida esta, a arma fica inutilizada até que se arranje outra, e isso nem sempre é possível.

O caçador não póde executar o carregamento em todas as posições do corpo.

Como é sabido, ao deflagrar uma carga de polvora, desenvolvem-se, em estado gazoso, — azoto, acido carbonico, oxydo de carbono, hydrogeneo sulphurado e vapor de agua, cuja elasticidade impelle os projecteis: como residuo solido, ou antes semi-fluido, fica uma graxa negra, composta de sulphureto de potassio, sulphato de potassio, carvão e enxofre.

Esta graxa incrusta toda a alma da arma.

A polvora da nova carga ao percorrer a alma, desde a bocca até a camara, fica-lhe adherente, humida, decomposta.

Sob a acção da primeira bucha desta nova carga vai com a polvora grande parte da tal graxa que continúa a sua obra de decomposição.

Depois de 12 ou 14 tiros ha necessidade absoluta de lavar a arma.

Todos sabem quanto é longo e fastidioso

o processo de lavar bem uma espingarda de percussão, cujo cano só é aberto em uma extremidade.

Inconvenientes, sempre inconvenientes.

Para obviar-lhes, seguindo a pista de uma idéia velha, coetanea da invenção das armas de fogo, Lefauchaux construiu uma espingarda de retrocarga, á qual está ligado o seu nome.

Nesta espingarda o cano, que é movel, roda sobre um eixo, descobrindo com esse movimento a camara onde se introduz um cartucho.

A culatra é fixa na coronha, e ao indireitar-se o cano, fecha-o exactamente.

Uma cavilha de cabeça chanfrada endenta-se no cano, firmando-o com solidez á coronha: esta cavilha é movida por uma alavanca que em algumas espingardas serve de terminação á haste da coronha, e em outras fórma um segundo guarda-matto que se juxtapõe ao primeiro.

Esta ultima disposição é muito elegante.

O cartucho Lefauchaux é um tubo de papelão, assente com solidez em um fundilho metallico. Este fundilho aloja em si uma capsula, e nesta está disposto um pino tambem metallico que atravessa a parede do fundilho, e faz uma saliencia de 4 a 6 millimetros.

Quando o cartucho está mettido na cama-

ra, o cão, abatendo-se sobre este pino, faz detonar a capsula.

O cartucho carrega-se com polvora ordinaria, chumbo e buchas de feltro e papelão, cortadas a vasador. Depois de carregado, reviram-se-lhes as bordas por meio de um remachador especial.

Há ainda outro *systema* de espingarda Lefauchaux: o cano, para descobrirem-se as aberturas das camaras, não roda, não *bascula* sobre um eixo; avança, conservando o seu parallelismo com a haste.

E' menos *commodo* este *systema*, e por isso mesmo menos usado.

A arma de retro-carga Lefauchaux tem sobre a de percussão vantagens incontestaveis — os tiros podem ser mais regulares, a polvora não se deteriora pelo contacto com os residuos do tiro antecedente; o carregamento é rapido e não depende de vareta.

Mas, assim como em alcance a arma de percussão é inferior á arma de pederneira, tambem a arma Lefauchaux é inferior á arma de percussão. Dir-se-ia que á medida que se facilita o tiro, o alcance diminue.

E não é o pequeno alcance relativo da arma Lefauchaux o seu unico inconveniente.

Pelo intersticio do pino metallico sai ás ve-

zes um escarro de fogo, insupportavel e até perigoso.

As vezes tambem o cartucho servido adhere de tal modo á camara que só sai impellido por um vareta. Neste caso ainda se póde complicar o incidente: sob a acção da vareta o fundilho metallico do cartucho despega-se do cylindro de papelão, e este então só póde ser extrahido com instrumento apropriado.

E mais, ha risco serio em lidar com os cartuchos Lefauchaux.

Cada um delles com o seu pino saliente é verdadeiramente um pequeno obuz carregado, que póde explodir pela queda sobre uma pedra, sobre um corpo duro qualquer.

Na serra de Santos já morreu um caçador em dores atrozes, com a bexiga perfurada, por se lhe terem disparado, em uma queda que deu, dous dos cartuchos Lefauchaux, que elle levava em um cinturão.

Segundo o meu modo de ver, que é o de todos os entendidos, a espingarda Lefauchaux, não é arma que satisfaça plenamente, não é arma perfeita.

Prestou excellente serviço na evolução das armas de fogo, constituindo-se typo de transi-

ção entre a espingarda de espoleta e a espingarda modernissima de percussão central.

Esta arma admiravel será o objecto do nosso estudo no proximo capitulo.

DESPORTO

*A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na phantasia,
Sonhando, imaginando ou estudando,
Sinão vendo, tractando e pelejando.*

CAMÕES.

IV

A arma de *percussão central* é uma transformação, um aperfeiçoamento da espingarda Lefauchaux.

O cano *bascula* em torno de um eixo, descobre a abertura da camara exactamente como na espingarda Lefauchaux.

Relativamente a esta apresenta a espingarda de *percussão central* as seguintes diferenças — o cartucho é liso, não tem pino. No centro do disco que constitue o fundilho aloja-se uma capsula ordinaria em que se mette um tarugosinho metallico para ajudar na detona-

ção do fulminato, resistindo ao choque do percussor.

Este percussor, estabelecido na culatra, é que, accionado pela queda do cão fere a capsula, voltando depois de feril-a, a occupar a posição primitiva, por effeito de uma molinha helicoidé.

Tal disposição trouxe, como consequencia necessaria, um aperfeiçoamento que, a ser bem executado, torna os desastres impossiveis: é a *bateria resaltante* (em inglez *rebouding lock*, em francez *batterie rebondissant*).

Na *bateria resaltante* o cão, ao desendentar-se o gafanhoto da noz pela acção do gatilho, desce, impelle o percussor, e volta ao descanso, donde não desce mais ainda que se puche o gatilho.

Para que a espingarda de *bateria resaltante* dispare E' INDISPENSÁVEL que se arme o cão e que se puche o gatilho.

Quando *bascula* o cano da arma de *percussão central*, um extractor, que delle faz parte, avança automaticamente, e expulsa o cartucho da camara.

Remove-se assim o inconveniente, apontado no capitulo anterior, de ficar o cartucho servido entalado no cano.

E ainda ha mais vantagens neste systema:

os cartuchos, como não tem pino, entram na camara facilmente, e, qualquer que seja a posição em que entrem, ficam bem: não ha necessidade de se andar a revirar o fundilho para encaixar o pino no entalhe proprio. Os cartuchos não estragam os bolsos, e não estão sujeitos a disparar por queda, ou por qualquer outro accidente.

O percussor pode dispensar a mola helicoides que tem por fim reconduzilo á posição primitiva, depois que elle feriu a capsula: para isso basta fazer no extractor dous entalhes apropriados. Como todas as simplificações, isto é um melhoramento, porquanto torna dispensavel uma mola fragil, cuja inutilisação impede o funcionamento da arma.

Galand, notavel armeiro de Paris, adaptou ao fechamento das espingardas de *percussão central* os dous systemas de fechamento de culatra, usados na espingarda Lefauchaux.

Serve, mas não é perfeito.

A espingarda de *percussão central* fecha-se especialmente, por diversos systemas, além dos dous que lhe são communs com a espingarda Lefauchaux.

Os principaes systemas de fechamento peculiares á espingarda de *percussão central* são:

1) *chave voluta*, alavanca elegante, disposta anteriormente ao guarda-matto.

2) *chave-espatula*, alavanca identica em tudo á *chave-voluta*, com a differença de terminar, como o nome indica, por uma espatula curva.

3) *chave lateral* (em inglez *side lever*) alavanca em tudo identica ás precedentes, só com a differença de que a sua terminação prolonga-se, contorna a bateria, e vem offerecer ponto de força ao pollegar do caçador.

4) *chave superior* (em inglez *top-lever*) alavanca reforçadissima collocada sobre a culatra. Nas espingardas de dous canos a *chave superior* fica entre os cães.

Estas alavancas fazem mover um ferrolho lho que se vae endentar em casas solidas, dispostas sob os canos para recebê-lo: quando se endenta só em uma, diz-se de *ferrolho simples*: quando se endenta em duas, diz-se de *ferrolho duplo*. Ha ainda o *ferrolho triple*, que consiste em mais um fechamento na parte superior da culatra, realisado por uma cavilha de mola.

E' uma superfetação desnecessaria: o que está bem, mas mesmo muito bem, o que é a ultima palavra em systema de fechamento, é o *ferrolho duplo*, accionado pela *chave superior* (*top-lever*).

Em todas estas disposições de alavancas o fechamento é automatico (*snap-action*): fazendo-se *bascular* o cano para cima, a arma fecha por si dando um pequeno estalo (*snap*).

Nos dous systemas usados tambem nas espingardas Lefauchaux, depois de erguido o cano, a mão intervem para que a arma se feche.

A coronha da espingarda de *percussão central* não é toda de madeira como a da arma de percussão simples, como a da velha espingarda de carregar pela bocca; em grande parte é de ferro.

A haste é de madeira reforçada por chapas de ferro, e solta-se: é o que os francezes chamam *devant détache*.

Para segurar esta parte ao cano, imaginaram-se varios systemas de presilhas; o mais commum é o de *passador*, e o melhor é o de *pedal pleno*.

O *passador* é exactamente o systema de presilha usado para prender á haste da coronha o cano da arma de percussão simples: toda a gente o conhece.

O *pedal pleno* é uma disposição elegante de presilha cujo mechanismo solido fica inteiramente occulto.

DESPORTO

*A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na phantasia,
Sonhando, imaginando ou estudando,
Sinão vendo, tractando e pelejando.*

CAMÕES.

V

O systema de retro-carga permittiu que se imaginasse, uma nova perfuração de canos, impossivel nas armas de carregar pela bocca — o *choke-bore*.

Comparativamente aos canos de alma cylindrica os canos *choke-bored* apresentam as seguintes vantagens — agrupamento triplo ou quadruplo dos bagos de chumbo no alvo, alcance maior, economia de um terço na carga de polvora.

Choke-bore quer dizer em portuguez *perfuração de resalto*.

Com effeito, segundo Galand, o cano *choke-bored* é cylindrico até alguns centímetros da bocca; ahi torna-se bruscamente conico, para ficar de novo cylindrico na extremidade.”

Os Americanos e os Inglezes fazem o *choke* salto (choke) a um centimetro da bocca.

O *choke-bore* está hoje acceito, mas foi a principio muitissimo combatido: houve resistencia tenaz, houve até revolta brutal.

Contra factos não ha argumentos, a verdade triumphou sempre — o *choke-bore* triumphou.

Hoje não ha caçador que não tenha ou que não pretenda ter o seu *choke-bored*.

A origem do *choke-bore* foi uma espingarda americana de repetição: esta arma recebia quatro cartuchos de aço que *revolviam* no centro de um como tambor, collocado na culatra de um cano unico. A' bocca deste cano estava aparafusada uma rodella conica muito pouco elevada, sufficiente, porém, para diminuir-lhe as dimensões, para *estrangular-o*.

Donde tirou o inventor tal idéia?

Ouçamos Galand:

“Um americano imaginou *estrangular*, apertar a bocca de um cano de espingarda para o tiro de chumbo. Onde tinha elle apanhado essa idéia? Talvez atirando, talvez experimen-

tando a espingarda velha, enferrujada, cheia de móssas, cheia de pancadas que um sertanejo, que um indio, que um viajante tinha trazido de uma expedição accidentada, donde voltam as armas concertadas a batidos de pedra, encastoadas com cipó ou com barbante, no estado emfim em que se acham a mór parte das espingardas dos caçadores furtivos.

Que ha nisto de surprehendente?

O homem que lhe confiou sua velha companheira das luctas da vespera para reparar, para arranjar de novo, ter-lhe-á dito talvez: —

Não toque na bocca do cano; não abra, não arredonde, não restitua a fórmula primitiva, porque desde o tombo que eu levei tal dia, em taes condições, vergando, torcendo, esmagando o cano de minha espingarda, desde que eu depois o indireitei como pude, ella atira de modo assombroso e mata caça a distancias prodigiosas.

Verificadas as consequencias felizes desse accidente o nosso Americano, como homem pratico, applicou-se de certo a reproduzir os mesmos effeitos com uma arma nova, normalmente construida; e, visto que a bocca da espingarda velha se achava apertada, comprimida, visivelmente minorada na largura, elle tentou enfeitar o cano de sua espingarda, para o es-

trangular, com a corôa estreita de flancos alargados, de que acima se fallou.

Dizem que essa historia não deixava de ter influencia sobre o tiro. Eu não sei, não verifiquei, e sinto isso, porque tive em meu poder a tal espingarda durante um anno inteiro. Não me veio á cabeça experimentar esse traste exquisito que aliás, não teve successo, nem como espingarda de *quatro tiros*, nem como *choke-bore*.

Demais esta expressão não era ainda empregada; a cousa que ella qualifica não estava creada.

Tambem a tentativa (do Americano) não póde ser considerada seriamente como o primeiro ensaio da nova perfuração que se chama *choke-bore*, porquanto não sómente os processos não se assemelham, mas até a idéia não é a mesma; ou mesmo, se assim o querem, estava apenas em estado embryonario.

Seja como fôr, é possivel, sem complacencia excessiva, vêr na idéia do Americano o ponto de partida das pesquisas que começaram em Birmingham, em 1874, para chegar, em 1875, a descobrir... não o *choke-bore* aperfeiçoado de hoje em dia, mas uma perfuração que de

melhoramento em melhoramento veio a dar aos nossos canos uma superioridade esmagadora sobre os canos perfurados pelo methodo antigo.” (*)

(*) Nota dos Editores. — Esta serie de artigos, iniciada no 1.º numero da “Procellaria”, foi subitamente interrompida no 5.º. Publicamos o trabalho a titulo de documentação, pois, “Desporto” mostra bem a curiosidade multiforme de Julio Ribeiro. Collecionador de obras de arte, amator de ceramica, Julio Ribeiro era tambem um grande entendido em armas, de que dá prova esse estudo, embora incompleto. Aliás, contam os seus contemporaneos, se fossem discutir com elle relógios, venenos ou literatura, fosse qual fosse o assumpto, elle falaria com a mesma riqueza de informação e de detalhe.

UM MANUSCRITO DO HYSOPE

I

A ultima edição do *Hyssope* de Diniz é a do sr. José Ramos Coelho (1).

Quanto á parte artistica, é a obra de luxo, primorosamente impressa, ornada de gravuras em madeira, infelizes no desenho, mas bem executadas.

No que diz respeito ao apparatus biographico e critico que acompanha o texto, póde-se affirmar que o sr. Ramos Coelho prestou ás lettras portuguezas um serviço relevantissimo, exhumando do pó dos archivos noticias, informações, documentos, de que nem o erudito Innocencio tivera noticia.

Reconstruiu a vida de Diniz: ascendentes, datas de nascimentos, trabalhos, nomeações,

(1) *Hyssope*, edição critica, disposta e annotada por José Ramos Coelho, Typ. de Castro & Irmão, Lisboa, 1879.

morte, tudo isso ficou registrado, esclarecido, tirado a limpo; uma verdadeira resurreição.

Infelizmente a elaboração do texto não andou bem. Falle o sr. Theophilo Braga (2): “O poema do *Hyssope*, como uma satyra vehemente do clericalismo, correu inedito desde 1774 até 1802, em que foi dada á estampa em Paris; andou, portanto, de mão em mão, secretamente, em cópias subrepticias, já por causa da reacção anti-pombalina, já por causa do intolerantismo do reinado de D. Maria I, sob o governo do arcebispo confessor; nestas condições o poema era apetecido, e todos os que o copiavam appensavam-lhe mais ou menos as notas elucidativas sobre as allusões pessoaes e as ampliações, que os mais intimos recebiam da propria mão do poeta.

Assim se vulgarisaram numerosas cópias, diversas entre si, já de sete cantos, já de oito, já com variantes fundamentaes. A primeira edição de Paris, de 1802, fez-se sobre o primeiro manuscripto que se alcançou; sobre esta edição fez em 1817 Timotheo Lecussan Verdier as modificações escolhidas nas variantes de outros manuscriptos, melhorando ainda por novos

(2) Questões de litteratura e arte portugueza, Lisboa, pag. 343.

achados a edição de 1821, também de Paris, fundada sobre a precedente

Pelo exame comparativo das edições do *Hyssope*, o sr. Ramos Coelho chega á conclusão que todas se reduzem ao typo dessas tres citadas; affirmando com toda a verdade que “nenhum texto do poema, tanto impresso como manuscrito, sahiu directamente das mãos do poeta, e, que, em rigor, são recensões arbitrias.

Temos um facto analogo nas poesias de Camões; o critico Manoel de Faria Souza, compilando as obras de Camões, modificou o texto impresso das *Lyricas* conforme os manuscritos que ia encontrando, e isto segundo o seu gosto pessoal, tirando assim a feição authentica ao documento. Hoje lemos as *Lyricas* de Camões segundo o texto que ao massador Faria e Souza lhe aprouve impor-nos no seculo XVII.

Hoje também temos do *Hyssope* o texto elaborado por Verdier; reprovamos este processo. Em rigor, deve-se imprimir o manuscrito que se encontrar mais completo, puro, ou com mais condições de proximidade do auctor; em volta deste texto, a que se dá um nome para o distinguir, accumulam-se todas as variantes em nota, como apparatus para a historia da

sua composição e intelligencia. Seguiu o sr. Ramos Coelho este processo critico?

Não, como elle proprio o confessa, collocou-se na situação mental em que se veria Diniz, si lhe apresentassem as diversas cópias de seu poema, escolhendo os versos mais bem medidos, os mais intelligiveis e os que desenvolviam mais as situações e assim fabricou um texto sob a sua exclusiva responsabilidade: “vendo-nos limitados a meras cópias e más, tivemos de substituir o poeta, collocando-nos na posição em que este ficaria si, voltando ao mundo, tivesse elle mesmo de dirigir a edição do seu poema, sem a faculdade de inventar cousa alguma, e sómente guiado pela luz da razão, no meio da perplexidade resultante de tão numerosos e incorrectos traslados. Este processo difficil e pouco ou nada seguido entre nós, é demorado e fadigoso, mas o unico mais seguro”. O que dissemos contra Faria e Souza e contra Verdier cabe tambem ao sr. Ramos Coelho, que, em vez de adoptar um texto de uma proveniencia razoavel, e de enriquecel-o com elementos para a critica, fabricou um texto centonico por modificações colligidas nos dez manuscriptos que conseguiu examinar conscienciosamente.”

São justissimas as arguições do sr. Theo-

philo Braga, porém já as previa o sr. Ramos Coelho que de antemão assim se desculpou (3) :

“Si apparecesse um manuscripto de Diniz, autographo ou cópia, mas com qualquer indicação por onde se provasse, com provas dignas de fé, que estava na fôrma em que devia ser impresso, cumpria-nos respeitar a vontade do poeta, e ainda assim era preciso que o manuscripto nos desse o poema em oito cantos e não em sete, salvo si o seu proprio auctor declarasse nullas as suas bellas ampliações e correções, o que era improvavel.”

E antes já elle dissera, griphando as palavras para accentual-as (4) : “Portanto, nenhuma edição, nenhuma cópia das que examinamos ou das que conheceram os editores do *Hyssope* merece fé, como feita pela penna do auctor, ou por elle revistas ao menos; nenhuma, e é preciso que isto se note bem.” Mas o sr. Theophilo Braga insiste pela pureza do texto e, referindo-se a um manuscripto da bibliotheca da Ajuda escreve (5) : O sr. Ramos Coe-

(3) *Hyssope*, ed. citada, pg. 79.

(4) *Hyssope*, ed. citada, pg. 79.

(5) Obra citada, pgs. 344 e 345.

lho, no fim da sua edição, em um additamento, dá a noticia de um manuscripto do *Hyssope*, pertencente á bibliotheca da Ajuda, que tem todas as condições para ser tomado como base para uma edição definitiva do poema: 'Consta ao principio de "sete cantos" escriptos pela mesma mão; posteriormente intercalou-se-lhe por letra diversa o que o poeta compoz quando dividiu a sua obra em "oito cantos", isto é, parte do canto quarto e quasi todo o quinto.'

Aqui está um texto que se póde tomar como lição definitiva com a declaração essencial — "conforme o manuscripto da Ajuda."

Ora, o achado deste mesmo texto não alegra a nenhum bibliophilo, não alegrou o sr. Ramos Coelho, que assim exprime o seu desapontamento (6): "Existe esta cópia, unica das conhecidas em que haja emendas da propria letra de Diniz, entre os manuscriptos da bibliotheca da Ajuda... Alvorçou-nos tal achado, e tratamos de averiguar a sua importancia, fazendo o confronto minucioso da nova cópia com a presente edição já impressa e notando os pontos em que havia divergencia... Esse exame desilludiu-nos completamente... As emendas

(6) *Hyssope*, edição citada, pg. 457.

de Diniz são poucas e insignificantes e, excepto duas, já encontradas em outras cópias.”

Donde se conclue que, apesar dos bons desejos do sr. Theophilo Braga, o que ha e o que póde haver de melhor na Europa em relação ao texto do *Hyssope* é mesmo a recensão arbitraria do sr. Ramos Coelho, a não ser que se prefira a de Verdier, tambem arbitraria.

II

Timotheo Lecussan Verdier dá informações a respeito do texto de *Hyssope*, que levam a crêr que o poema constava ou chegou a constar de NOVE cantos.

O sr. Ramos Coelho COMBATE fortemente esta supposição (7): “Do poema em seis cantos não achamos vestigio algum, sinão no dito de Innocencio; e em NOVE, apenas no de Lecussan Verdier. Do primeiro custa a conceber, em vista da historia da divulgação das cópias do *Hyssope*, historia que nos merece tanto credito, que nenhuma chegasse até nós; do segundo, o proprio Verdier nos assegura que

(7) *Hyssope*, ednção citada, pgs. 76-77.

— os poucos exemplares que o poeta déra foram por elle recolhidos; e isto, juncto ao receio que haveria de os possuir, explicaria até certo ponto o seu completo desaparecimento, *si a asserção de Verdier fosse digna de credito.*

Da confrontação do manuscripto contemporaneo e do prologo de Verdier tambem resultam algumas duvidas. Relata este apenas que no principio o canto quinto formava dous. Este — *a principio* — significa a primeira maneira do poema? De certo que não; porque nella não havia a scena da cerca e por outras razões. Refere-se, portanto, á segunda? Em tal supposição foi o poema augmentado (como Verdier quer que fosse) no reino, ou no Rio de Janeiro? O primeiro caso vai de encontro ao manuscripto, que assegura ter sido naquella cidade que o *Hyssope* foi levado a mais de sete cantos; o segundo faz-nos concluir que esta obra soffreu duas alterações tão sensiveis em muito breve espaço de tempo.

Diniz foi despachado desembargador da relação do Rio a 16 de Abril de 1776; não sabemos quando partiu de Lisboa, mas em todo o caso é provavel que não chegasse a seu destino sinão nos fins desse anno, e em 4 de Março de 1777, D. Maria I, demittia de todos os seus

cargos o glorioso ministro que fizera a gloria da nação portugueza e do reinado de seu pai. Ora é claro que os elogios insertos no poema deviam-n'o ter sido antes deste acontecimento, e, portanto, não nos fica sinão um anno, pouco mais ou menos, para Diniz emendar e augmentar o *Hyssope* tão largamente e envial-o duas vezes ao marquez, como o manuscripto diz que fez, quando foi dividido em oito cantos, e como se parece deprehender das palavras de Verdier que praticára ou estava para praticar, visto que já delle deixára extrahir cópias. E' muito para tão pouco tempo, e seria mudar bem depressa de idéias. Pareceu-nos pouco provavel, mas, emfim, cabe no possivel, principalmente para quem tinha tanta facilidade de metrificar, que levou a cabo todo o seu poema em 17 dias.

Não é entretanto isto o que torna sobretudo inverosimeis a nossos olhos as palavras de Verdier, e sim a propria analyse do poema. A scena da cerca entre o deão e o padre jubilado emquanto esperam que o guardião acórde da sesta, e entre este e o deão, é longa mais do que se nos afigura que devia ser: contém quatrocentos e sessenta e oito versos, isto é, excede em grandeza qualquer dos cantos do poema exceptuando o quinto.

Disfarçam e amenisam a extensão desta scena os ditos comicos e ridiculos dos dous interlocutores, que a cada passo tornam palpitante a ignorancia da pobre Lara. Imagine-se agora qual seria a desproporção desta parte do poema com o resto, si se lhe seguissem ainda muitos versos, mais de cem naturalmente, o necessario para formar outro canto igual ao mais pequeno, gastos em louvores do marquez de Pombal e ás suas mais importantes reformas! Era a quinta parte da obra inteira! Isto oppõe-se a todas as regras da arte, e não cremos que Diniz as infringisse deste modo.

Esta asserção de Verdier, que não achamos em outra parte sinão nos que, fundados nelle, a repetiram, foi novo thema de censuras contra Diniz, por ter feito desaparecer *com mão ingrata* os vérsos que dedicára ao marquez no tempo de sua grandeza, apenas o viu retirado do poder e supplantado por seus inimigos.”

Parece criteriosa, fundada e convincente a argumentação do sr. Ramos Coelho, e todavia *a asserção de Verdier era a expressão de UM FACTO...*

III

Entre uns papeis velhos, que me vieram ás mãos por accaso singular, deparou-se-me uma brochura manuscripta, notavel pela qualidade do papel, pela belleza da lettra, pelo excellente estado de conservação em que se achava.

Tomei-a, e avalie-se do meu alvoroço ao lêr, entre primorosos desenhos feitos a bico de penna, o titulo — *Hyssope*, poema heroe-comico por Antonio Diniz da Cruz e Silva.

Folheei a brochura com mão febricitante, e mal pude conter um grito... Verdier tinha razão; o CANTO NONO, os NOVE CANTOS ahi estavam diante de mim, em calligraphia magistral, feita com tinta negra de azeviche...

E mais: ao argumento conhecido do poema seguia-se com o titulo — *Introducção* — uma biographia completissima de Diniz, mencionando TODOS os factos recolhidos mais tarde pelo sr. Ramos Coelho, e OUTROS ainda de que elle não teve noticia.

Por exemplo, fallando da morte de Diniz escreve o sr. Ramos Coelho (8): “Lá ficaram

(8) *Hyssope*, edição citada, pg. 48.

seus restos mortaes longe do paiz de seu nascimento, mas ao menos em terra portugueza, e hoje, posto que independente, ligados a nós pelos laços indissoluveis do sangue, da lingua, das tradições e de tantos interesses moraes e materiaes. E onde estarão elles? Ha alguma piedosa lapida, alguma indicação ao menos que diga aos vindouros, para que os respeitem, aqui jazem os ossos do auctor do *Hyssope*, do poeta portuguez Antonio Diniz da Cruz e Silva? Ou deixou-os perder a ingratição e a incuria como aconteceu aos de Camões, aos de Bocage e aos de tantos outros?”

Pois bem, o que o sr. Ramos Coelho não pôde tirar a limpo já estava no manuscripto: “Morreu em 5 de Outubro deste mesmo anno (1799) de uma forte constipação, tendo já padecido muito dos olhos. *Jaz sepultado na egreja dos barbadinhos italianos, hoje dos religiosos de Jesus.*”

Donde viria tal cópia do *Hyssope*? Quem a fez? A quem era destinada?

Nada se pôde saber. São vagos demais os dados que temos para conjecturas; cumpre todavia mencioná-los.

Na pagina de titulo, exactamente no lugar em que nos livros impressos costuma vir a indicação da typographia, ha um monogramma

feito pelas lettras L. M. L. A. S., caprichosamente entrelaçadas. *Na introduccão lê-se:*

“Este poema *Hyssope* foi principiado em Elvas quando o auctor alli servia o cargo de auditor: elle disse a alguns de seus amigos que os seus primeiros versos foram escriptos nos intervallos em que o deixava uma grande sezão que alli por alguns tempos padecêra. Depois de ser conhecido em cinco cantos e já estimado, appareceu no Rio de Janeiro em sete e depois em oito, mas sempre em vida de seu auctor, e talvez á proporção que o ampliava. Por sua morte, entre as diversas poesias que se lhe acharam, encontrou-se este poema de NOVE CANTOS, de que já tivemos noticia pelos seus amigos, e delle se extrahiu *com toda a possivel fidelidade* a cópia que agora se apresenta.

Existe um impresso no anno de 1801, *Londres*, falsamente dito porque qualquer que, reparando nas vinhetas que lhe puzeram, as conferir com as da collecção das poesias do padre Francisco Manoel do Nascimento, facilmente conhecerá que elle fôra dado a luz em Paris. Não digo da notavel diminuição deste poema que se imprimira, porque assim corria nos tempos em que elle podia chegar ás mãos de seu editor. “Ha no fim do manuscripto, por lettra

differente e já amarellada do tempo, a seguinte cóta "*copiado em 1812*".

O facto de mencionar-se só a edição de 1801, sem allusão á segunda de 1817, confirma a cóta da epoca da cópia, e isso, combinado com a qualidade do papel do manuscripto, com a belleza da lettra, com o cuidado da execução, póde nos autorizar a conjectura de que fôra tal cópia feita para a bibliotheca de algum alto personagem, talvez para a de D. João VI.

UM MANUSCRITO DO HYSOPE

IV

Para mostrar quanto se acha augmentado o poema neste manuscrito, basta dizer, sem maiores confrontos, que, além de ter NOVE CANTOS, só o canto primeiro conta 500 versos, ao passo que na mais completa das edições, na do sr. Ramos Coelho, consta elle de 298, apenas!

E agora, como amostra do que sejam os accrescimos, coteje-se o episodio do sonho do Deão na citada edição do sr. Ramos Coelho com o do manuscrito.

Sonho do Deão, Hyssope, Canto I (Edição Ramos Coelho)

*Da noite a maior parte assim consome
Nestes projectos vis, e em nada assenta:
Até que, junto ao toque da alvorada,*

*Apenas de cançado cerra os olhos,
 Emboscado a Lisonja presto toma
 D'um prazenteiro sonho a leve fôrma,
 Entre mil vãos fantasmas lhe apparece.
 E assim lhe falla: "O' grande dignidade,
 Cabeça illustre do cabido elvense,
 Si do teu alto engenho hoje pretendes
 Dar ao mundo uma prova, humildemente
 Tomando o bento hyssope, á porta nova
 Com elle o teu prelado prompto espera.
 Honrar nossos maiores cousa é santa,
 Que a natureza inspira; da syntaxe
 O cartapacio diz, que mais illustres. . .
 Seremos quanto formos mais humildes.
 Neste ponto acordou o prebendado,
 E, vestindo-se á pressa, á egreja corre.*

O sonho do Deão, Hyssope, Canto I

(Manuscripto)

*Da noite a maior parte assim consome
 Nestes projectos vãos e em nada assenta
 Até que, junto ao toque da alvorada,
 Apenas cerra os olhos, a Lisonja
 De um tremulo ancião tomando a fôrma,
 Ante elle desta fôrma se apresenta:
 Sobre um jaleco de baeta branca,*

Que apertavam de Arena alguns bocados,
 Da baeta um roupão tinha vestido
 Verde na côr, bandado de amarello,
 Que, solto, o camarim vinha varrendo;
 De grosseiro pisão calçava meias
 A que apenas prendiam junto ás curvas
 Uns calções meio rússos ou bombachas;
 De velho cordavão n'umas chinellas
 Mettidos os gottosos pés movia
 No nariz de tabaco enlabuzado
 Uns oculos trazia, e na cabeça
 De esguião um barrete enxovalhado
 Que no alto rematava com mil prégas
 De fita já sem côr um grande tope:
 Na mão esquerda um livro tinha aberto
 Que, em ruim Portuguez, de Quinto Curcio
 Era a peor versão, a que nas aulas
 Os rapazes dão o nome de Pae Velho;
 Na direita brandia gravemente .
 Uma bem torneada palmatoria;
 Emfim em tudo vinha semelhante
 Ao professor rançoso que algum dia
 Da grammatica as regras lhe dictára:
 Nesta figura, pois, a lentos passos
 Ao Deão se endereça e assim lhe falla:
 "Filho que com razão chamar-te posso
 Pois nas mãos te metti a grande Arte
 Do nosso Manoel Alvares, e os mestres

*Nossos segundos paes são na verdade,
 Pois com sua doutrina para o mundo
 Nos formam novamente, e com vantagem;
 O desvelo bem sabes e o trabalho
 Que, no comprido espaço de dez annos,
 Me custou encaixar-te na cabeça
 Da linguagem latina os rudimentos;
 Mas por fim, graças a esta palmatoria...
 (Isto dizendo a palmatoria alçava,
 Com visos de quem dar-lhe inda queria)
 E o Lara estremeceu ao fero assomo;
 Mas o velho, seguindo socegado,
 A começada arenga continúa:
 “Graças, eu outra vez a dizer volvo,
 A esta rija e pesada palmatoria
 Tive o gosto de ver-te em dez minutos,
 Apezar da dureza dos teus cascos
 Passar da Portuguez (1) lingua á latina
 A celebre oração do verbo activo.*

*— Pedro ama a Deus — com pasmo dos ou-
 [vintes,
 Pois que ninguem de ti tal esperava,
 Mas o tempo e o castigo tudo acabam.*

(1) Diniz ainda usa muito o archaismo de fazer os adjectivos em ez terem uma só fórma para os dous generos.

*Por fim deixaste a classe já barbado
 E capaz sem vergonha tua e minha
 De ler sem soletrar o Breviario,
 Habil emfim para uma conezia.
 Correram sem parar depois os annos,
 Tu a pisar passaste a fertil terra
 Que de Lacio outro tempo o nome teve,
 O Tibre viste, viste a grande Roma
 Que no mundo fizeram tão famosa
 A nadadora Clelia, Horacio o torto,
 Mucio da mão queimada, e o bom Cethego
 Que por não ser peralta e nem de modas
 Cingia com gabino cinto á toga.
 Viste o Foro Olitorio onde as couveiras
 Os broculos vendendo, couves, nabos,
 Sem cursarem as classes, e sem lerem
 Pelos Sanches e Scioppios noutro tempo
 Fallar se ouviram como papagaios
 Muito melhor Latim que os Talagrepos,
 Por alcunha chamados jesuitas;
 O que mais viste não sei; só sei que emtanto
 Cerrou a dura e inexoravel parca
 Com as mirradas mãos em somno eterno
 Os meus cansados, remelosos olhos.
 Mas lá na fria cova onde descansam
 Em paz as minhas cinzas e os meus manes
 Do teu deado os échos retumbaram
 Si alguma cousa os carcomidos ossos*

*Dos mortos alegrar ainda podesse,
 A tão ledó boato, os céos bem sabem
 Quanto, oh! quanto, estes meus se alegrariam.
 Hoje, porém, que de alta dignidade
 Em posse estás, e em ti fitos os olhos
 Como em espelho tem de Elvas o povo,
 E que és, quando o prelado tem pigarro,
 No conclave, no côro, Vice-Bispo,
 De teu comportamento e boa fama
 Inda lá cuidadoso, de lá venho,
 Como o filho a quem amo a recordar-te
 O que em mil vezes te preguei na classe,
 Si é que disto a lembrança não perdeste,
 Da syntaxe explicando aquelle exemplo
 Que nos diz — Tanto nós maiores somos
 Quanto nós mais humildes nos portamos
 Honrar nossós maiores lei é justa
 Que a mão da natureza em nossas almas
 Indelevel gravou: ella comnosco
 Nasce, e sem o aprender nós o sabemos.
 Si a seus pés nos lançamos sobre a terra
 Nesse mesmo profundo acatamento
 Muito mais nossa gloria realçamos.
 Se tu desta doutrina hoje desejas
 Dar um brilhante exemplo, á porta nova
 O teu prelado com o hyssope espera,
 E a seus pés te prosta, e assim lh'o offrece.”*

*Disse. E o Deão, querendo obsequioso,
 Para beijar-lhe a mão, ajoelhar-se,
 Com o esforço que fez da molle cama
 De bruços cai no chão, e ao golpe acorda.
 Ergueu promptamente e, sobre o catre
 Um pouco reclinado, largo espaço
 No pensamento esteve revolvendo
 Si era sonho ou verdade o que passara
 Mas por fim assentou que, ou fosse sonho,
 Ou fosse realidade, do alto vinha,
 E por celeste inspiração o teve,
 Então a se vestir entra ligeiro,
 A loba toma, a roçagante capa,
 E mal sobre a molleira teve posta
 A fingida melena, sem lembrar-se
 Da caixa, soli-deo, e da luneta,
 Sem o toque esperar do agudo sino,
 Com passos mais ligeiros do que cumpre
 De um Deão á remissa gravidade,
 Da casa sai, e á igreja se encaminha.*

V

Pelo manuscripto prova-se tambem que Diniz emendou as passagens erradas, e explicou as difficeis. No canto primeiro do *Hyssope*, por

exemplo, lê-se em todas as edições e manuscritos conhecidos:

Mas a vã Senhoria

 *a voz alçando*
Desta sorte fallou ao grão despóta.

Em *despóta* ha uma syllabada; o sr. Ramos Coelho, querendo justificar o poeta da coima em que incorrera, escreve (2) “*Despóta*, pela figura diastole.

Hoje diriamos *déspota*.

“*Desta sorte fallou o grande despoia.*”

Mas antigamente não empregavam no verso heroico palavras exdruxulas no final dos versos, a não ser nos dithyrambos.”

Provou *nimis* o sr. Ramos Coelho; Diniz errou e, o que é mais, reconheceu o seu erro e o corrigiu. Lê-se no manuscripto:

“Ao despota fallou por este modo.”

Em todas as edições acha-se assim esta passagem do canto quinto:

Foi prudencia, senhor, o que loucura
A sua phantasia lhe parece,

(2) O Hyssope, edição citada, pag. 414.

*Pois, si assim practicava, era sómente
Por enganar, emquanto o caro esposo
Da prolongada ausencia não volvia,
Cansados rogos de importunos prócos
Que aspiravam de seu consorcio á gloria.*

O termo — *prócos* — usado por Diniz era pouco conhecido: os copistas mudaram-n-o em — *pórcos* — e depois vieram os escholiastes a explical-o, e a deitar erudição, asneando a valer, como melhor se póde apreciar na seguinte nota de Verdier (3): “Em dous manuscriptos que tenho presentes acho a palavra — *pórcos* — em lugar de *prócos* —, e num delles a seguinte nota á margem — *Companheiros de Ulysses* —. O annotador não se lembrou de que Ulysses, havendo perdido todos os seus companheiros em sua longa perigrinação, chegou sósinho á sua ilha de Ithaca, e de que não podia encontrar já os seus defuntos amigos requestando a sua mulher Pênelope. Quão curiosos haveriam sido os requebros desses amantes com visos de pórcos!

Cicero e outros classicos latinos fizeram emprego da palavra *procus*; mas o nosso poeta a tomou certamente de Horacio, e applicou-a,

(3) O Hyssope, Paris, 1817, pags. 126, 127.

como este, aos que solicitavam a mão e o throno de Penelope. (Hor. L. III od. 10.)

Non te penelopen difficilem *procis*
Tyrrhenus genuit parens.

A palavra *procus* vem da grega *proics*, *proikos* significa *dote*, *presente*, *dadivas nupcias*: e acha-se muito bem adaptada a todo o que procura casar-se, levado pela cobiça do dote da noiva, ou pela ambição de possuir os seus bens, estado ou grandeza.

Faço esta nota para provar que os manuscritos de auctores, tanto antigos como modernos, ainda os de melhor lettra, encerram ás vezes muitos erros que não devem ser imputados aos ditos auctores. Essas falhas, provindo, ou da ignorancia dos amanuenses quanto aos transumptos, ou até mesmo de descuido nos autographos, podem dar logar e desculpa a longos commentarios, como este, que sómente versa sobre a transposição de uma lettra.”

Diniz teve sciencia da metamorphose de *prócos* em *pórcos*, e explicou a palavra introduzindo um novo incidente na conversa dos dois padres, fazendo estalar o latego do ridiculo nos lombos dos ignorantes.

Eis a passagem com a deliciosa explicação
que vem no manuscripto:

*Foi prudencia, Senhor, o que loucura
A sua phantasia lhe parece,
Pois, si assim praticava, era sómente
Por entreter, emquanto o caro esposo
Da prolongada ausencia não volvia,
Cansados rogos de importunos prócos,
Que aspiravam de seu consorcio a gloria.
Aqui, dando uma grande gargalhada,
O Deão com socratica ironia
O padre interrompeu por este modo.*

— *Que galante terrinha onde aspiravam
Como se fossem gente, até os pórcos
Com as madames em conjugio unir-se.
Por uma dessa, creio, foi composto
O soneto, romance ou velhancico,
Ou como quer que seja (que eu de versos
Ou pouco, ou nada entendo, e a poesia
Nunca applicar-me quiz, com o receio
De ser, sendo poeta, louco e pobre)
Da Bella mal casada ou Maridada,
Que tudo, si não erro, vale o mesmo.*

— *Foi Prócos e não Pórcos o que eu disse,
Sorrindo-se lhe torna o jubilado.*

— *Percebi mal, excuse-me, meu Padre,
O conego chofrado lhe responde,
Pois que um flato ás vezes nos ouvidos
Metter-se-me costuma que me impede
Ouvir distinctamente o que se falla.
Mas, si grave não lhe é, estimaria
Que Vossa Reverencia me explicasse
O que quer dizer Prócos, que é palavra
Que nunca em minha vida tenho ouvido.*

— *Não me espanta, algum tanto a voz alçando
Do flato em attenção, lhe torna o Padre,
Pois no seculo sei que não se encontra
Aquella sciencia que nos claustros móra,
E' preciso estudar e, sobre os livros,
Noite e dia queimar suas pestanas
Quem quizer como nós saber as cousas,
Pois no mundo ninguem nasce ensinado.
Prócos em Portuguez, segundo ensina*

*O bom Septem Linguarum Calepinus,
O mesmo vem a ser que os que pretendem,*

*Para co'ella casar-se, alguma dama,
Ou já viuva seja, ou já donzella.*

— *Mil vezes obrigado, senhor, fico
'A boa explicação lhe diz o Lara.*

*Eis aqui porque é bom tratar com sabios,
 Pois com elles fallando aprende um homem
 Muitas cousas que dantes ignorava,
 Por mim (com bem o diga) agora o digo,
 Pois dormindo de noite e mais de dia*

*Sem lêr e sem gastar o meu dinheiro
 No bom Septem Linguarum Calepinus
 De hoje em diante fico já sabendo
 Que Prócos significa os que namoram
 Para co'ella casar-se alguma dama,
 Ou já seja viuva, ou já donzella,
 Mas volvamos, senhor, á nossa historia.*

Pelo exposto fica demonstrado o enorme valor do achado que a fortuna deparou ás letras patrias. Oxalá que algum livreiro ou empresario nosso comprehenda o alcance de uma edição critica do monumento que se chama *Hysope*, feita segundo um manuscripto augmentado, aperfeiçoado, corrigido pelo proprio auctor até os ultimos tempos de sua vida, e do qual não havia noticia até hoje.

“E’ urgente que esta edição definitiva se faça (4).”

(4) Obra citada, pag. 345.

G A M B E T A

A verdade, mesmo através das paixões e preconceitos contemporaneos.

RANGEL PESTANA, Provincia de 11 de Janeiro de 1887.

Sobre o cerebro de Gambeta lê-se na “*Gazeta de Noticias*”, da Côrte:

“Quem tal diria!

O cerebro de Gambeta pesava 1.246 grammas apenas, isto é, um peso muito abaixo da média, pois que o cerebro de um parisiense, mesmo muito mediocrementemente cultivado, não dá menos de 1.390 grammas.

Quando o dr. Mathias Duval deu a conhecer o peso do cerebro de Gambeta aos medicos que fizeram a autopsia, o pasmo foi grande, muito grande!

Que! Pois o cerebro de Dupuytren pesava 1.436 grammas; o de Skobeleff 1.457; o de

Cuvier 1.829; o de Tourgueneff 2.012; o de Cromwell 2.231; o de Byron 2.238; até o de Morny 1.520 e o cerebro do maior dos oradores dos tempos modernos, do salvador da republica franceza, pesava apenas 1.246 grammas! Irrisão!

E devemos ainda accrescentar que não foi este o peso primitivamente accusado, mas sim o de 1.160. Mas reflectiram os medicos que o corpo havia sido embalsamado doze horas antes da autopsia, isto é, que tinha sido injectado com chlorureto de zinco.

Este sal, sendo excessivamente adstringente, contrai os tecidos, tirando-lhes uma certa quantidade de agua.

Por este motivo, o cerebro de Gambeta tinha perdido accidentalmente um peso, que se calcula em 86 grammas, o que perfazia o de 1.246 grammas.

E' este o algarismo definitivo, segundo os calculos apresentados na ultima sessão da "Sociedade de Anthropologia de Paris", pelos professores Mathias Duval e Gariel, um anatomista e outro mathematico".

A nós não nos causou surpresa alguma a exiguidade cerebral do salvador da republica franceza.

Pelo que delle lemos e ouvimos, tivemos-o sempre em conta de mediocre.

Quando os republicanos campineiros, entusiasmados, chamavam *Gambeta* ao Snr. Campos Salles, nós não julgavamos a alcunha por demais pretenciosa.

Que *Gambeta* teve dotes oratorios pouco communs, que foi homem resolute, de coragem, não ha negar: porem que foi *um grande homem, um genio*, só affirmará quem se deixa levar pela impressão de momento, que se contenta com a exterioridade das cousas.

Gambeta foi um mediocre feliz, nada mais, nada menos.

E quem o vai provar não somos nós; é um francez patriota, é um homem que leva a justiça até a ferocidade, é o chefe honestissimo do realismo, é Emilio Zola.

E o que se vai lêr não é um juizo *post-mortem*, de rival despeitado, covarde, como o de José Agostinho sobre Bocage.

Não.

O que se vai lêr foi escripto quando campava *Gambeta* como o Jupiter Olympico da tribuna franceza, quando o seu verbo magico arbatava as multidões, quando ao nuto de sua cabeça se curvava a França, se curvava o mundo inteiro.

E o que escreveu Zola foi confirmado pela physiologia cerebral! A autopsia do craneo de Gambeta revelou que o seu cerebro só pesava 1.246 grammas!!

Leia-se o mestre.

“Pleiteia um homem, chega a deputado, acha-se mettido em catastrophes publicas, sobe ao poder; e eis que em dez annos esse homem cresce desmesuradamente, enche a Europa, occupa o mundo com a sua pessoa, muito mais do que Corneille, tanto ao menos como Voltaire. Não ha jornal que cada manhã não toque fanfarra com o seu nome. Um gesto seu é discutido por oito dias. Não póde tossir, não póde assoar-se, sem que corram ondas de tinta. E’ um deus, quero dizer, reina e parece dever dispor para sempre dos nossos destinos.

Eis um facto, e nós outros, criticos, observadores e experimentadores, ficamos surpreendidos e embaraçados diante desse facto. Donde vem essa gloria? Donde vem essa omnipotencia? Nós não somos amigos, nem inimigos desse homem; tanto não queremos tomar para nós o logar que elle occupa, como não contamos obter delle as migalhas do seu desserviço. Nossa curiosidade unica de sabio seria desarmal-o e tornal-o a armar para ver como elle

funciona. Simples problema de mekhanica humana, a resolver sem paixão, pelo prazer unico do documento.

E é justamente esse problema que não é commodo. Quando julgamos um escriptor, nada mais facil: ahi estão as obras escriptas que tudo explicam. Victor Hugo é o grande poeta lyrico do seculo, como Balzac é o seu grande roman-cista; e isso se prova com documentos indiscuti-veis. Sem subir tão alto, tome-se o primeiro es-criptor vindo, seus livros dirão qual é sua es-tatura. Mas com um homem politico tudo se es-borôa, não ha mais obra estavel, fica a gente reduzido a julgar sobre uma areia movediça, que cada acontecimento desloca.

Assim eu tomo hoje o snr. Gambeta como o typo dessas glorias retumbantes que ensurde-cem bruscamente uma grande nação. Porque es-tá elle ahi? Porque antes elle do que um outro qualquer? Onde está sua obra, uma obra pes-soal, larga bastante, que legitime o logar que elle occupa? Em uma palavra, diante de que es-pecie de phenomeno nos achamos nós, quando vemos uma fortuna tão rapida e tão alta, feita com materiaes cuja qualidade e solidez nos es-capam a nós, homens de estylo e de analyse hu-mana?"

“Vai-se justamente publicar em muitos grossos volumes os discursos do snr. Gambeta. Eu tenho alli, sobre minha secretária, as provas do primeiro volume, e foi depois de as ter lido que cahi em scismar profundo.

Pois que! é possível? está aqui em ovo a fortuna do snr. Gambeta? Não haja enganoso, seu unico titulo serio até hoje é o poder da sua palavra. Ha um facto indiscutivel, é sua acção oratoria sobre um publico, quer na rua, quer na Camara. Isso precisa de analyse, e faz-se mister saber a porcentagem que ahi entra de qualidades e de defeitos: mas, seja por força de logica e de convicção, seja por uma posse inteiramente physica, o orador impõe-se com uma auctoridade irresistivel. Desde as suas estréas nas camaras correccionaes e no Corpo Legislativo, elle tem exercido esse senhorio. Da guerra para cá muitas vezes ouvi-o eu fallar na Assembléia, e em cada uma dellas, mesmo no meio das hostilidades as mais ruidosas, eu vi produzir-se este phenomeno: elle toma conta de um auditorio com algumas phrases, e pesa tão tyrannicamente sobre a attenção, que seus collegas não gostam de fallar depois d'elle.

E aqui estão hoje os seus discursos impressos. A gente lê, e fica estupefacto. Como! então é só isto? Foi com estas phrases que elle

espantou o imperio, que elle combateu a Prussia, que elle conquistou a omnipotencia! Escutam-se essas phrases de mais perto, e acha-se que ellas são phrases como outras quaesquer, nem mais logicas, nem mais eloquentes que as de duzentos ou trezentos advogados cuja ambição egualou a d'elle, sem ser tão feliz. As mais das vezes são logares communs dos jornaes politicos, cosidos uns nos outros: não ha a minima ideia nova, não ha nenhum desses empurrões originaes que abrem bruscamente o futuro. E' uma cousa que fluctua entre a declamação vã e a pretenção scientifica.

Eu devo todavia dizer que um facto me impressionou: os primeiros discursos, entre outros o discurso contra o plebiscito, pronunciado a 5 de Abril de 1870, me pareceram muito superiores aos discursos destes ultimos annos. O Snr. Gambeta observava-se a si proprio, applicava-se mais em frente de uma maioria intolerante? E' possivel. Hoje a sua phrase está empastada, domina o mau gosto, como nas poucas palavras, tão desastrosas, tanto sob o ponto de vista do estylo, como no do simples bom senso, por elle proferidas, um destes dias, junto do tumulto de Alberto Joly.

Nosso pasmo, de nós outros escriptores, é, pois, sem limites quando nos mettem debaixo

dos olhos documentos destes, que são da nossa competencia, e quando accrescentam: “Ahi está o monumento, julgae da grandeza do Deus.” Pois bem, nós julgamos que, despida de sua acção oratoria innegavel, do magnetismo que exerce no publico, a eloquencia do snr. Gambeta **E’ MUITO ORDINARIA (1)**, é uma eloquencia **COMO SE ENCONTRARIAM MUITAS EM AS NOSSAS ASSEMBLÉIAS CONTEMPORANEAS**. Guizot, Thiers, Julio Favre fallavam melhor; e ainda hoje se poderiam citar, pelo menos no mesmo pé, o snr. Julio Simon e o Snr. Clemenceau.

As provas ahi estão, todo o mundo póde estudal-as. Leiam, comparem, julguem. Tomem esses discursos, não mais na sua utilidade politica, mas no seu absoluto valor intellectual, e digam **QUAL E’ A QUALIDADE DO CEREBRO DO SNR. GAMBETA (2)**. Imaginem que se tenha feito silencio sobre os nossos acotovellamentos, e determinem o logar delle entre as intelligencias desta segunda metade do seculo. Si os nossos netos só tiverem, para se pronunciar,

(1) Os versaletes são nossos: pomol-os para assinalar o que mais nos impressiona neste notavel escripto.

(2) A quantidade, como revelou a autopsia, era de 1.246 grammas...

a collecção de discursos, documento unico que poderá restar, muito receio que elles não cheguem a comprehender o logar immenso, além de toda a medida, que o Snr. Gambeta occupa entre nós”.

“Dir-me-ão que eu o julgo como escriptor, que os discursos de um homem politico não são obras, mas sim armas. Então a obra do snr. Gambeta seria — primeiro a alta situação que elle occupa; depois a republica que elle ajuda a fundar em França.

Sim, quanto á sua situação, ha com effeito uma obra prodigiosa, de que elle deve estar contente. Eu li algures que suas primeiras ambições, nas horas difficeis das estreias, limitavam-se ao sonho de uma prefeitura. Em todo caso, elle teria estremecido como Macbeth, no ermo da charneca, si a visão do futuro se lhe tivesse erguido em frente. Convém admittir que em nossas catastrophes os acontecimentos serviram um homem do seu temperamento. Mas esses acontecimentos não se produziram para todos os ambiciosos, e só elle soube utilisal-os com quadratura, para galgar o poder supremo. Elle mostrou uma tal flexibilidade na violencia, que o kharacteriza e explica tudo. Sua ambição satisfeita é pois, sob este ponto de vista, uma das obras mais trabalhadas e melhor acabadas dian-

te das quaes possa parar um curioso dos phenomenos humanos.

Relativamente á republica, o caso é outro: a obra torna-se singularmente discutivel. Não levo em mira estudar aqui as theorias politicas do snr. Gambeta: mas vejam no meio de que furiosos ataques as criaturas delle tentam penosamente applical-as: não são sómente os antigos partidos que protestam, toda a mocidade democratica zanga-se; os homens mais intelligentes e os mais novos patenteiam o lamaçal em que patinhamos, e reclamam alto, em nome das sciencias politicas e sociaes. E ainda, uma obra politica, um imperio ou uma republica a fundar, não se julga definitivamente sinão quando essa obra está completa, e quando já tem dado resultados bons ou maus. Até que dê resultados, nenhum facto decisivo prova-lhe a excellencia. Logo, conviria, ao menos esperar.

Não é que me desagrade a famosa formula do opportunismo. Eu só odeio esta palavra opportunismo, tão feia, tão vaga, que emburguesia a ideia da politica experimental. Eu estou com o snr. Gambeta si elle pensa que uma grande nação, como a França, não é um corpo bruto de que se possa dispôr á vontade, que se faça passar bruscamente da monarkhia para a republica, após seculos de habito. Eu estou ain-

da como elle, si acredita que os factos dominam tudo; que não ha principios mas leis, e que um homem de governo é aquelle que dá a seu paiz o estado para o qual seu paiz é feito, quite a facilitar o progresso, sem desmanchar a makhina, pela introducção dos dogmas revelados, revolucionarios ou reaccionarios. Sómente o que me abhorrece é a hypocrisia sob a qual os nossos governantes parecem esconder essa politica experimental; é tambem não sentir em todos os actos delles o amor da intelligencia, o grande sopro da liberdade.

O snr. Gambeta não tem a paixão do nosso mundo moderno; tal é a minha verdadeira censura, o que me desconcerta, o que me enche de incerteza, quando o tenho diante de mim. Elle é ainda um grego e um romano disfarçado. Julga-se certamente em Athenas ou em Roma; sua republica tem mil annos, e quando elle pensa em recrear-se, vê-se coroadado de rosas, de manio de purpura aos hombros, bebendo vinhos assucarados, em companhia de Phrynéa e de Aspasia. Fará bastantes phrases de rhetorica sobre as nossas sciencias; mas o espirito dellas não o penetrou, elle ainda atem-se á concepção latina de um governo dogmatico, á idéia de um bello absoluto, regido por uma metaphysica talvez inconsciente.

Dizem-me, por exemplo, que o snr. Gambeta em pintura e escultura desdenha muito a nossa escola franceza. Elle só juraria pela antiguidade e pela renascença. Similhanamente, em litteratura, se restringiria aos classicos, seria sob este ponto de vista mais burguez do que o burguez do snr. Thiers. Pois bem, isso me basta, o homem está julgado. Elle não está conosco, com os modernos, com os crentes. Eu lhe concedo toda a intelligencia que quizerem, mas recuso-lhe o tacto do seculo, e mais tarde se ha de ver. A SUA REPUBLICA E' AINDA UM MONUMENTO DE APPARATO APENAS, UMA CONSTRUCÇÃO MONARKHICA, UM IMPERIO CARNAVALESCO, em que não poderia bater o coração da França do seculo XX."

"Nós recahimos no tribuno, e somos forçados a nos atermos a elle, visto que a obra definitiva, o resultado politico, não se presta a julgamento. E agora estabelece-se com mais força esta questão: si não ha nelle mais do que um orador de talento, porque subiu tão alto? porque antes elle do que outro, o snr. Julio Simon, ou o snr. Clemenceau, por exemplo?"

Vejamos o snr. Julio Simon. E' um escriptor que, litterariamente, vale vinte vezes o snr.

Gambeta. Falla correctamente e com gosto muito fino. Si reunissem os seus discursos, os letrados teriam nelles um regalo, e esses pedaços mereceriam ficar, quando nada, pela fôrma. Todavia o snr. Julio Simon cahiu na impopularidade; não satisfaz nenhuma de suas ambições politicas; está reduzido a chegar-se para os legitimistas e para os bonapartistas, sob um temporal desfeito de injurias.

Tomem depois o snr. Clemenceau. Esse é um espirito scientifico do mais real valor. Marcha com o seculo, eu o colloco com os homens novos, na primeira fila. Na Camara é um dos que fallam a verdadeira lingua do orador moderno, uma lingua de nitidez, de precisão e de logica. Quanto a mim, eu julgo os seus discursos superiores aos do snr. Gambeta, justamente porque elles se conservam simples, porque não se afogam em rhetorica alguma. Não importa, o snr. Clemenceau está quasi isolado, sem auctoridade sobre os seus collegas. Estou certo de de que o snr. Floquet, esse mediocre, ha de subir ao poder antes d'elle.

Ora ahi está o problema posto. Entre o snr. Julio Simon que kharacteriza o presente, uma politica de meio termo, e o snr. Clemenceau que representa o futuro, uma politica positiva e de progresso, chega o snr. Gambeta e faz o

seu buraco, um buraco enorme. Elle é o que é o snr. Julio Simon, mas o é com as apparencias do que seria o snr. Clemenceau. E' um espirito dogmatico que collou nas costas o rotulo de um espirito scientifico. Falla em nome da França moderna, mas piscando o olho de modo a fazer entender que não quer acotovellar a ninguem; e, para tranquillisar a toda a gente, goza do seu triumpho como burguez satisfeito. Os revolucionarios da vespera, quando estão arrançados e gozam, não mettem mais medo, socegam o rebanho dos timidos, tornam-se por sua vez arca sancta, a arca da mamata publica.

Eu não explico de outro modo a grande fortuna do snr. Gambeta. Por sua acção de tribuno sobre as multidões elle soube aproveitar-se dos acontecimentos, e apoderou-se da auctoridade, graças ao seu temperamento feito de brandura e de violencia. E mais, elle correspondia a uma maioria no paiz, o que lhe permittiu durar e assentar definitivamente a sua alta situação. Depois do snr. Thiers, que foi o primeiro degrau, elle é o segundo degráu da republica; e sob este ponto de vista, seu papel foi de utilidade evidente. Seu valor intellectual não tem que fazer aqui. Na historia ve-se muitas vezes os factos agarrarem assim um homem e empurrarem-no para diante, para encher um fos-

so. Um dia o homem cai depois de ter exercido a sua função. A humanidade passa e o homem fica esmagado, como uma dessas pedras que consolidam as estradas.”

“E amanhã? Qual será o desconhecido de amanhã para o snr. Gambeta?”

Aqui, eu o repito, faz-se mister esperar. Os amigos do snr. Gambeta nos affirmam que ha nelle um homem de governo, um administrador, um organisador, um reformador. Havemos de ver: por emquanto não sabemos nada absolutamente. O Snr. Gambeta escolheu um papel que deixa na duvida. E’ verdade que dizem que elle dirige tudo dos bastidores, onde se esconde com obstinação: mas, sem contar que o charco em que nós estamos não lhe fazia honra, não se póde logicamente attribuir a esse homem actos, cuja responsabilidade elle parece não querer tomar! Tal acto é delle ou é de outro? a noite é completa. Logo, para nós, o snr. Gambeta não governa, nunca governou, e não se póde dizer si elle será capaz de governar algum dia.

Verdade é que elle tem a sua dictadura de quatro mezes na provincia. Sómente, os tempos estavam tão perturbados, e os factos até hoje têm ficado tão confusos, que, no interesse da

estricta verdade, é prudente não tirar conclusão. Póde-se admirar no snr. Gambeta o patriota exaltado; não se poderia ver de modo algum nesse patriota o homem de governo, ponderado e firme, que nos promettem.

Mais tarde elle só caminhou a golpes de discursos. NÃO FORAM OS ACTOS QUE O FIZERAM, FORAM AS PHRASES. Elle conquistou a sua auctoridade com phrases. Eu o digo ainda uma vez, quando o analysam, só fica o tribuno. Tracta-se de dar um passo para diante? elle falla; tracta-se de conjurar um perigo? elle falla; tracta-se de fazer sentir a sua auctoridade? elle falla ainda, falla sem cessar e em toda a parte. E' sua arma de ambicioso, como a arma de Bonaparte era a espada. Nós assistimos á conquista da França pela palavra, depois de ter soffrido e soluçado por causa de sua conquista pela espada.

E justamente amanhã começarão as grandes difficuldades para o snr. Gambeta. Pela repugnancia que mostra de acceitar o poder effectivo, adivinha-se o medo que tem. Eu bem sei o que elle espera, uma maioria mais intelligente na Camara, uma maioria mais docil no Senado. Admittamos, porém, que elle amanhã esteja certo dessas maiorias. Si isso lhe deve tornar mais commoda a dura faina de governar,

ainda assim elle não deixará de se achar desde logo em plena acção, isto é, com todas as responsabilidades sobre os hombros, e sob a ameaça continua de esboroamento.

E' preciso esperar esse dia para dizer si elle é apenas um tribuno de rhetorica discutivel, um ambicioso, cuja tactica sortiu bem, e que até agora contentou-se com as delicias do poder, sem consentir em correr-lhe os riscos.

*Quanto a nós, espectadores, homens de analyse, sem paixão politica, **NÓS SÓ VEMOS AINDA UM GAMBETA ORDINARIO**, nós ficamos na espectativa continua do grande Gambeta, cuja vinda as trombetas dos seus clientes nos annunciam."*

*"Sim, é esta a minha conclusão. Si o ruido que se desencadeia em torno d'elle é para o Gambeta actual, esse ruido é desproporcionado, e cai no ridiculo. **Só NOSSO DESARRANJO CEREBRAL PÓDE EXPLICAR UMA TAL IDOLATRIA**. Mas si o ruido é uma simples entrada de trombone e zabumba que se faz ao Gambeta de amanhã, ao genio politico que tem de fundar o futuro, nós estendemos o pescoço e esperamos o prodigio. Todavia não convem que nos ensurdeçam por muito tempo ainda na posição incommodativa em que nos achamos, porque*

afinal, isto acaba por percebermos que estão mangando comnosco.

Os povos estão promptos. Falta agora que o snr. Gambeta tenha genio.”

Ahi está o homem julgado, e a pesagem do seu cerebro confirmou o juizo.

Muito embora tenha o snr. Gambeta enchido com o seu nome a França e o mundo; muito embora tenha pesado como uma obsessão, como um sonho mau, sobre as imaginações dos palermas ambiciosos; muito embora diga delle ainda hoje, aqui em São Paulo, o snr. Rangel Pestana: “. . . Gambeta, cujo ponto de vista um e constante, sendo a fundação e conservação da republica em França, desempenhou-se de seus intuitos patrioticos, com a fixidez de acção e aptidões de um completo estadista, passando, segundo as circumstancias, da palavra á penna, da penna á acção, da acção ao sacrificio”; nós só o concebemos, como o concebeu Zola — não com a sobrecasaca coçada de sabio, tirando da experiencia conclusões para o governo do povo, mas vestido de Mazaniello, a cantar a democracia no palco, diante do buraco do ponto, embriagado pela repleção da casa, deslumbrado pela luz da rampa . . .

1.246 grammas de massa encephalica . . .

OS LUSIADAS E CAMÕES

(Por ocasião do tricentenário)

Camões!

E' com respeito, é a medo, é quasi com o horror sagrado do fanatico a invocar a divindade que eu ousou escrever hoje este nome augusto.

Afigura-se-me que, ao fazel-o, escuto ao longe o bramido do rolo de mar a bater em vão de encontro aos rochedos; que apparece-me por sobre a cabeça uma nuvem escura, carregada, temerosa; que, despertando de um somno de trezentos annos, surge ante mim o phantasma do poeta, alto, robusto, valido, com os labios roxos do frio da sepultura a destacarem-se-lhe na pallidez terrena do rosto, e com os olhos encovados e o gesto severo, com os cabellos e a barba maculados de pó!...

E creio ouvir-lhe a voz, a voz temerosa que, erguida no seculo XVI, ainda hoje rebôa, sus-

tentando com seus accentos pujantes uma nacionalidade decrepita.

E sinto-me pequenino, imperceptivel como a monera no oceano, como o ponto no espaço.

E' que a verdadeira grandeza, a immensidade real, ao ser encarada fixamente, assombra, hallucina, confunde, aniquila.

Na historia litteraria da raça aryana que paiz se opporá a Portugal, que epopeia aos *Lusiadas*, que poeta a Camões?

A India com a *Mahabharata*, com a *Ramayana*? A Grecia com a *Iliada*, com a *Odysseia*? A Italia com a *Eneida*? Vyasa? Valmiki? Homero? Virgilio?

A *Mahabharata* e a *Ramayana* são poemas enormes, mysteriosos como a escuridão dos *jungles*, rendilhados como as columnatas de El-lora, primitivos como o apparecimento dos deuses: em seus trezentos mil versos faisca a vida pujante das primeiras migrações aryanas, sente-se como que o borbulhar fremente da civilisação indica em lucta sem treguas com o estacionarismo tamulico dos aborigenes avassallados.

Mas Vyasa e Valmiki serão dous homens,

ou dous mythos? duas entidades historicas, ou dous pseudonymos de gerações extinctas?

A *Iliada* e a *Odysséia* photographam-nos o viver, o pensar, a musculatura, o cerebro da antiga Hellade; na descripção dos banquetes pantagruelicos mostram-nos esses poemas a solidez do estomago dos Gregos; nos ditos crus dos guerreiros apresentam-nos a sua franqueza brutal; nas divindades, sincera e despretenciosamente anthropomorphicas, dão-nos a craveira de suas paixões e pendores; fazem-nos jogar a bola com Nausiaca, amimar Astynax com Heitor, refugir com Agamemnon ao machado de Clytemnestra, dar uma boa gargalhada ás lamurias de Thersites esbordado por Ulysses.

Não ha negal-o: na *Iliada* e na *Odysséia* a Grecia palpita, respira, vive. Sente-se-lhe o estuar do sangue, a calidez perfumosa do halito são, as contracções nervosas do organismo robusto.

Mas será a *Iliada* um todo compacto, ou um aggregado de pequenos poemas nacionaes fundidos, amalgamados, unificados pela recitação popular no volver dos tempos? Não se comporá a *Odysséia* de tres producções distinctas — a *Telemakhia*, a *Volta de Ulysses*, a *Matança dos Pretendentes*?

Existiu realmente Homero, o Melesigenes,

o Cego? ou serão antes esses nomes synthetisação de uma pleiade de Phemios e de Demodokos, de *rhapsodes* anonymos?

As nove cidades que disputavam entre si a honra de berço do cantor, não teriam sido os centros poeticos em que se elaborou por partes o cyclo mythico nacional?

Virgilio, esse sim, é authentico: conheçomol-o de perto, intimamente, familiarmente. Temol-o visto em sua pequena herdade nos arredores de Mantua, a alinhar vides, enxertar pereiras, em ceatas de maçãs, troçando com as raparigas da vizinhança, queixando-se uma vez por outra dos rigores do formoso Alexis. Sabemos-lhe as baldas, os achaques do cerebro, as fraquezas do organismo.

Conhecemos o homem: a obra, porém, é falha.

A *Eneida* é um primor de arte, mas não é a encarnação de uma epocha. Nessa mimosa composição brilha um talento enorme, mas não sente-se o bafo vivificador do genio. Não palpita ahi o viver italiota do tempo de Augusto.

O que se ahi depara é uma galeria de figuras gregas, bellas sim, mas deslocadas, anachronicas, inverosimeis, falsas, realçadas pelas galas correctissimas de uma metrificacão sem rival.

Tambem á confecção desse poema presidiu um pensamento vicioso: não foi nos contos populares da Etruria, nas tradições do Lacio que se inspirou o poeta; mas sim nas lendas da Grecia, eruditas e brilhantes, mas estrangeiras em relação á Italia.

Não estudou elle as origens da patria: procurou creal-as a seu talante para lisonjear a familia de Octavio.

E cahiu.

A Eneida é uma composição maravilhosa, é, como já dissemos, um primor artistico, tem episodios que se aprendem de cór; mas não é uma epopéia nacional, dessas cujas estancias gravam-se na mente do povo, e repetem-se como gritos de guerra nos momentos de perigo e de desalento.

Grandiosos como a *Mahabharata* e a *Iliada*, os *Lusiadas* synthetisam o grande periodo da vida da humanidade, quando por mares nunca dantes navegados atiravam-se pilotos atrevidos ao oriente, ao occidente, a Calecut, a Guanahani, a Porto-Seguro; a descobrir, a devassar, a desbravar o theatro immenso em que se ia desenrolar o drama imponente do alvorecer da epocha actual.

Desangrados pelos tiros do gentio, enfraquecidos pelas privações, dizimados pelo escor-

buto, lá arrojavam-se á conquista dos ultimos recantos do globo os batedores do progresso, os navegantes audazes: guiavam-n'os os Bartholomeus Dias, os Magalhães, os Colombos, os Cabraes, os Vespucios, os Orellanas.

Por sobre as vagas irosas do oceano agitado, por entre as brumas do sul, attentos á bussola na prôa cortadora, lá iam elles: surdos ao estourar do raio, indifferentes ao santelmo que lhes tremeluzia nos mastros, com os olhos cravados na enorme tromba marinha que vertiginosa lhes torvelinhava em frente, impavidos, superiores ao perigo, deslembrados da morte, encarniçados na rota, demandavam inquebrantaveis o desconhecido.

Oppunham-se-lhe escolhos? Um golpe de barra, e estavam evitados. — Correntes? Domavam-n'as. — De homens e feras, a ferro e fogo se faziam respeitar. Persistiam, venciam.

Oh! para uma época como essa só um cantor como Camões.

Braço robustecido pelo uso das armas, mente entregue ao cultivo das musas, coração nobre, desinteressado, árdido, elle abandona a patria, os amigos, a amada, e vai, soldado da sciencia, como mais tarde Anquetil Duperron, estudar a grandeza do seu Portugal no solo da India, primeiro *étape* da civilisação da sua raça.

Largando a penna para tomar a espada, trabalhando e combatendo sempre, ora arrojado a masmorras infectas por odios mesquinhos, ora naufrago a bracejar na crista das ondas, mutilado, quasi mendigo, mas invencivel, titanico, enorme, Camões é o *avatar*, é a encarnação do genio moderno.

As cordas de sua lyra desferem todos os tons: na sua palheta de mestre irisam-se todas as côres.

Em tudo quanto elle escreve sente-se o circular robusto de um sangue sadio e bom; sente-se a flexibilidade dos organismos animados; sente-se a vida.

Magestoso, sublime, homerico no episodio de Adamastor, elle rouba a Virgilio as notas mais plangentes para referir o caso infando da misera, da mesquinha, da formosissima Ignez de Castro.

Langoroso como Tibullo, lascivo como Propertio, realista como Ovidio, elle toma-se de erotismo, e faz rebentar no meio das ondas a ilha das delicias. Jovial ao modo de Cervantes, arranca-nos a gargalhada franca com a comica aventura de Velloso. Com o vigor de Lucrecio descreve-nos a natureza das cousas nos phenomenos da navegação; com a concisão de Tacito esboça-nos um character em uma pincelada; com a

profundez de Suetonio desvenda em uma phrase os erros de um reinado. Com um dicto incisivo e profundo radica philologicamente a filiação do idioma luso, estabelece uma verdade que a linguistica hodierna reconheceu, que Diez demonstrou e firmou para sempre em sua obra immortal.

Racionalista tanto quanto o permittia o seu tempo, elle é, por intuição, mythologista comparativo: por um rasgo inconsciente de genio colloca o Deus dos Evangelhos a par do Baccho Indico, nivelando assim duas lendas irmãs, uma aryana extreme, outra eivada de semitismo, mas ambas asiaticas, ambas antigas, ambas respeitaveis.

Oh! eu quereria escrever mais sobre Camões; manifestar a adoração em que tenho o grande genio; tornar patente o orgulho de que me possuo por poder lêr no original a sua obra immorredoura; mas, veda-me o acanhamento do espaço...

Despido-me do assumpto, curvando-me reverente á memoria do maior epico da humanidade, grandioso como Vyasa, como Valmiki, como Homero, e authentico como Virgilio.

Salve, principe do pensamento!

Aos nomes illustres de Tasso, de Tapia, de

Herrera, de Voltaire, de Humboldt, de Schlegel,
de Quinet, de D. Fernando, de D. Luiz I, de
mil outros reis de povos e corypheus da littera-
tura, a render-te preito, juncta-se um nome obs-
curo,

JULIO RIBEIRO.

INDICE

PREFACIO	7
A procellaria	
9-1-1887	9
16-1-1887	15
23-1-1887	25
30-1-1887	29
6-2-1887	45
13-3-1887	53
20-3-1887	63
27-3-1887	73
3-4-1887	79
17-4-1887	85
1-5-1887	95
Desporto	
I	101
II	107
III	117
IV	123
V	129
Um manuscripto de Hyssope	149
Gambeta	163
Os Lusíadas e Camões	181

DO MESMO AUTOR

A publicar:

Cartas Sertanejas

(Paginas de critica da
propaganda repu-
blicana).



TYPOGRAPHIA CUPOLO
Rua do Seminario, 187
S Ã O P A U L O

008259

008259

Preço 6\$000

Edições



Cultura Brasileira